

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**VIVÊNCIA DA REPARCERIA: CONSTRUÇÃO E
NEGOCIAÇÃO DE UMA NOVA INTIMIDADE**

Mariana Costa de Macedo

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Sistémica - Contextos Familiar,
Comunitário e Forense**

2023

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**VIVÊNCIA DA REPARCERIA: CONSTRUÇÃO E
NEGOCIAÇÃO DE UMA NOVA INTIMIDADE**

Mariana Costa de Macedo

Dissertação orientada pela Professora Doutora Luana Cunha Ferreira

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Sistémica - Contextos Familiar,
Comunitário e Forense**

2023

Índice Geral

1. Resumo.....	5
2. Abstract	6
3. Introdução	7
4. Enquadramento teórico	8
4.1 Reparceria: definições e visão sociodemográfica.....	9
4.2 A Reparceria na Psicologia da Família.....	10
4.3 Separação, Divórcio, Viuvez e Reparcerias.....	10
4.4 Singularidades da Reparceria.....	12
4.5 Intimidade.....	13
4.6 Definições de Intimidade.....	13
4.7 Modelos de Intimidade.....	14
5. Método	16
5.1 Objetivos.....	16
5.2 Desenho do Estudo.....	17
5.3 Participantes.....	18
5.4 Instrumentos.....	18
5.5 Procedimento.....	19
5.6 Análise de Dados.....	20
5.7 Papel do Investigador.....	23
6. Resultados	24
6.1 Intimidade.....	24
6.2 Especificidades das Reparcerias.....	33
6.3 Satisfação Conjugal.....	38
7. Discussão.....	42
7.1 Limitações e Investigações Futuras.....	49

7.2 Potenciais Contributos para Prevenção, Intervenção e Investigação.....	51
7.3 Conclusão.....	51
8. Referências Bibliográficas	52

Índice de Apêndices

Apêndice A. Guião da Entrevista.....	61
Apêndice B. Questionário Sociodemográfico.....	63
Apêndice C. Consentimento Informado.....	65
Apêndice D. Listagem das categorias, definições operacionais e número de fontes e referências	66

Lista de Figuras

Figura 1. Árvore de Categorias com os temas principais e as categorias que os compõem..	24
Figura 2. Mapa Representativo do tema Intimidade e as categorias e subcategorias que o compõem	25
Figura 3. Mapa Representativo do tema Especificidades das Reparcerias e as categorias e subcategorias que os compõem	34
Figura 4. Mapa representativo do tema Satisfação Conjugal e as categorias e subcategorias que o compõem	39
Figura 5. Mapa da relação entre algumas categorias e subcategorias.....	44

Agradecimentos

Assim como uma casa é erguida, arduamente e com cuidado e dedicação, cada parágrafo é fruto de muito esforço, num ano muito difícil. Neste momento de conclusão, olho para trás e sei que vos estarei sempre eternamente grata.

À professora Luana, por acreditar em mim e por ser arquiteta neste projeto de investigação desde o início, por escutar e compreender uma ansiedade muito minha e por ser sempre um exemplo a seguir!

Às professoras do melhor núcleo da Faculdade de Psicologia da UL, professora Carla Crespo, Isabel Narciso, Maria Teresa Ribeiro e Maria Minas, por semearem em mim, desde o primeiro dia que as conheci, uma semente tão sistémica e contribuírem para o desenho do mapa teórico que sonhou este projeto de investigação!

Às minhas paredes-mestras, o meu Pai, por ser a voz de calma em muitas tempestades e por acreditar em mim constantemente, serás sempre o meu herói. A minha Mãe, por ter sempre lutado para que eu fosse a melhor versão de mim mesma e por todas as histórias que ainda hoje ecoam em mim. Serás sempre a minha heroína! A São, por ter sempre uma palavra amiga e carinhosa, por todos os hambúrgueres depois do seminário! Obrigada por também cuidares de mim! A minha Avó, por ser o olhar que espelha orgulho e por ser silêncio apaziguador.

À minha casa e porto seguro, Zézé, Laranjeira, 114, por ser luz de presença, paz nos traumas de guerra, botija de oxigênio e o abraço em todas as tempestades. Obrigada por contagiares, por seres a minha pessoa preferida e por teres subido todos degraus comigo que fazem com que hoje, não haja nada mais que te queira dizer, para além de que te amo.

Às que me deram todas as ferramentas e que me fizeram acreditar que amizade envolve o “felizes para sempre”. À Elsa, por ser a voz que recebe e acolhe; à Grácio por ser o olhar que não se explica, à Rita por ser a palavra que tranquiliza; a todas vós por serem a partida sentida que me faz ir sem querer partir, com a constante promessa de voltar.

Às portas de emergência, aos de Sangue Azul por serem as estrelinhas da sorte. À Sara por ser a vulnerabilidade e honestidade, ao Henrique por ser a energia e o crescimento, ao Romeu por ser tranquilidade e inocência, ao Johnny por ser espelho e força, à Constança por ser genuína e protetora, à Pipa por ser magia e carinho, ao Zé pela entrega e empatia, à Tita por ser a lufada de ar fresco e a partilha, à Mafalda por ser a força e motivação, à Paiva por ser a leveza e a compreensão.

A todos os participantes que contribuíram com as suas narrativas e que de forma tão íntima me ensinaram tanto, guardarei para sempre cada história.

Resumo

A intimidade, essencial na conjugalidade, fortalece o vínculo existente entre os membros de um casal, promovendo a satisfação no relacionamento. No entanto, experiências de relações anteriores tendem a permanecer e são frequentemente transportadas para novas relações (i.e., reparcerias). Assim, apesar das reparcerias aparentarem ser caracterizadas por desafios únicos, a literatura sobre estes processos e dinâmicas é escassa, principalmente com a população portuguesa. Para além disso, a literatura existente não tem como principal interesse a intimidade, por isso, já existindo um modelo de intimidade desenvolvido a partir de uma amostra de casais portugueses, esta investigação teve como objetivo compreender os processos, padrões e dinâmicas da intimidade conjugal em relacionamentos de reparceria, ao explorar as dimensões propostas pelo Modelo Sistémico da Intimidade de Ferreira e colaboradoras (2013) e a sua interligação com a avaliação subjetiva da satisfação conjugal. Através de uma abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 14 pessoas em relacionamentos de reparceria. Os resultados revelaram que a experiência prévia de relacionamentos anteriores molda e transforma a vivência da intimidade na reparceria e que as dimensões propostas pelo Modelo Sistémico da Intimidade mantêm-se adequadas à definição de intimidade na reparceria. No entanto, os resultados revelaram que existe uma valorização das dimensões da autonomia, privacidade e autenticidade na reparceria e sugerem a possibilidade da dimensão da confiança estar fragilizada na reparceria. Desta forma, propôs-se um novo triângulo de intimidade, que se traduz na relação entre a vulnerabilidade, a validação e o crescimento pessoal, característico das reparcerias.

Esta dissertação contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa sobre especificidades de relacionamentos de reparcerias em Portugal e ao explorar a aplicação do Modelo Sistémico da Intimidade (Ferreira et al., 2013), pode fornecer pistas para intervenções mais eficazes com essa população.

Palavras-chave: Intimidade; Modelo Sistémico da Intimidade, Reparcerias, Satisfação Conjugal, Vulnerabilidade

Abstract

Intimacy, essential in coupling relationships, strengthens the bond between the dyad, promoting satisfaction in the relationship. However, experiences from previous relationships tend to persist and are often carried into new relationships (i.e., repartnering). Thus, despite remarriages appearing to be characterized by unique challenges, the literature on these processes and dynamics is scarce, especially concerning the Portuguese population. Furthermore, the existing literature does not focus primarily on intimacy, so, considering that an intimacy model has already been developed based on a sample of Portuguese couples, this research aimed to understand the processes, patterns, and dynamics of conjugal intimacy in repartnering relationships by exploring the dimensions proposed by the Systemic Model of Intimacy by Ferreira and colleagues (2013), and their interconnection with subjective evaluation of marital satisfaction. Through a qualitative approach, semi-structured interviews were conducted with 14 individuals in repartnering relationships. The results revealed that the experience of past relationships shapes and transforms the experience of intimacy in repartnering, and that the dimensions proposed by the Systemic Model of Intimacy remain applicable to the definition of intimacy in repartnering. However, the results also indicated a valuation of autonomy, privacy, and authenticity dimensions in repartnering, and suggested the possibility of the trust dimension being weakened in repartnering. Consequently, a new intimacy triangle was proposed, representing the relationship between vulnerability, validation, and personal growth, which are characteristic of repartnering. This dissertation contributed to the development of research on the specificities of repartnering relationships in Portugal and, by exploring the application of the Systemic Model of Intimacy, it may provide insights for more effective interventions with this population.

Keywords: Intimacy; Systemic Model of Intimacy, Marital Satisfaction, Vulnerability, Repartnering

Introdução

Sabe-se que, apesar de existirem diferentes definições de família, uma leitura sistémica implica conceptualizá-la holística e idiossincraticamente, tornando-se pouco plausível considerar a família e as suas transformações como algo estático e pouco complexo (Alarcão, 2006). O divórcio, considerado anteriormente uma etapa *patologizante* que quebrava o percurso normal do ciclo de vital da família (McGoldrick et al., 2014) é hoje um fenómeno cada vez mais comum e com alargada prevalência em Portugal (Ferreira et al., 2008; Guerreiro et al., 2007; Lobo & Conceição, 2003).

No entanto, apesar destas alterações na estrutura familiar, os vínculos amorosos assumem-se como uma fonte fundamental de satisfação para a maioria das pessoas (Berscheid & Reis, 1989). Neste contexto, surge o conceito de *reparceria*, que se refere à formação de novas relações íntimas, seja por meio de coabitação, namoro ou casamento, após uma situação de divórcio ou viuvez. Contudo, a reparceria aparenta ser uma tarefa complexa e exigente que carece de regras e estrutura, uma vez que a maioria dos novos casais continuam a ajustar-se com normas e limites das relações antigas (McGoldrick et al., 2014). Para além disso, as pessoas em situações de reparceria carregam uma *bagagem emocional* (Dupuis, 2007, p.94) que pode estar associada a atribuições distorcidas, projeções e mecanismos de defesa, construída como forma de proteção pelo medo de ser magoado novamente (Dupuis, 2007). Associada a essa transferência de padrões, pode estar a ideia de que a vivência de um término de uma relação está intimamente relacionada com uma experiência angustiante, que deixa marcas e cicatrizes (Locker et al., 2010). Contudo, para algumas pessoas, a vivência de um fim de relacionamento promove uma oportunidade de crescimento individual (Boelen & Reijntjes, 2009), que pode contribuir para encontrar um novo significado para a vida (Sbarra & Emery, 2005). Desta forma, as especificidades e desafios únicos das reparcerias, que podem levar à criação de barreiras emocionais associadas a inseguranças, podem influenciar a forma como as pessoas parceiras percebem e expressam a sua intimidade. Por isso, tendo como base o Modelo Sistémico da Intimidade (MSI) proposto por Ferreira e colaboradoras (2013), que compreende dimensões como a autenticidade, a partilha e confiança, privacidade, autonomia e compreensão, será possível compreender de forma abrangente e holística como é que nas reparcerias se definem e se transformam os processos de intimidade do casal.

Nas páginas seguintes, o Enquadramento teórico, à luz da Psicologia Sistémica, incide sobre as especificidades e singularidades das reparcerias, bem como procura caracterizar alguns dos conceitos e definições associados a intimidade e satisfação Conjugal que possam

ser relevantes e transformadores, no contexto desta população específica. De seguida, na secção dos Métodos, conhece-se de forma mais aprofundada as características da amostra desta investigação, o processo de recolha e análise de dados. Posteriormente, os Resultados descrevem e relacionam os temas, categorias e subcategorias encontrados para que, no fim, se articule os mesmos numa Discussão que sintetize as principais descobertas com o conhecimento já existente e em que se mencionam as limitações desta investigação e possíveis pistas fornecidas para a investigação e prática futura.

Enquadramento teórico

Face ao ritmo de transformações que se tem encontrado nas sociedades ocidentais, conceptualizar a família como algo estático e pouco dinâmico cada vez faz menos sentido (Alarcão, 2006; Walsh, 2016). Denominado por Alarcão (2006, p. 206) como “*nova família*”, as famílias reconstituídas, bem como outras (e.g., famílias monoparentais, famílias adotivas), assumem cada vez mais espaço nas diferentes constelações familiares. Compreender as famílias reconstituídas como um formato totalmente indissociável do ciclo vital da família, característico da família conhecida como *normal*, a nuclear, não parece ser aconselhável (Alarcão, 2006). No entanto, estas *novas formas de família* aparentam ter padrões, processos e dinâmicas específicos, que representam qualidades e propriedades características (Dupuis, 2007; Ganong & Coleman, 2004) uma vez que na maioria das mesmas se adicionam fases no ciclo vital da família e experienciam-se desafios únicos que envolvem marcos de desenvolvimento díspares (Kvanli & Jennings, 1987). Desta forma, ao longo desta investigação, procura-se compreender com alguma profundidade que propriedades e processos de intimidade e de satisfação conjugal se mostram únicos num “novo” formato de relação que tipicamente precede a formação de uma família reconstituída - a reparceria. Através de possíveis pistas que esta investigação pode fornecer sobre as vivências e processos de intimidade experienciadas na reparceria, poderá ser possível contribuir com algumas linhas orientadoras para a intervenção com esta população, assim como colaborar para o aumento de investigação na área da conjugalidade.

Reparceria é o conceito que irá ser utilizado ao longo desta investigação e que se aproxima ao termo mais disseminado na literatura, o recasamento, referente ao casamento de pessoas que viveram uma relação que terminou, após divórcio ou viuvez, e à expressão *repartnering*. A utilização deste conceito remete para um termo mais inclusivo que não faça referência apenas ao casamento, mas sim a todas as formas possíveis de formar uma nova relação íntima, após uma situação de divórcio ou viuvez, namoro, coabitação ou casamento.

Reparceria: definições e visão sociodemográfica

A reparceria é um fenómeno com cada vez mais expressão em Portugal (Guerreiro et al., 2007; Lobo & Conceição, 2003). Tendo por base os resultados dos censos 2021 dos PORDATA (2023), houve uma diminuição da população casada e um aumento de solteiros, divorciados e viúvos e, no que toca às famílias reconstituídas representam 8,8 % da população, mais 2.3 pontos percentuais do que em 2011. Contudo, importa ter em conta que estes valores não incluem as relações de casal em união de facto e/ou em coabitação sem casamento, pelo que estamos perante uma população ainda mais alargada.

Mais especificamente, existe uma preponderância deste formato de relação principalmente em pessoas cuja relação anterior terminou com um divórcio, invés de motivos associados à viuvez (Guerreiro et al., 2007; Lobo & Conceição, 2003). Apesar de ser conhecida a tendência para o divórcio, sendo que os dados mais recentes dos Censos 2021 mostram uma subida do mesmo em Portugal (PORDATA, 2023), o papel que a conjugalidade assume na vida dos portugueses continua a ser preponderante, uma vez que, a maioria das pessoas que se divorcia regressa a uma relação (Guerreiro et al., 2007). Entre 2001 e 2011, o número de casais recompostos duplicou, e, apesar de existir um declínio da taxa de casamentos, mais de um quarto do total de casamentos em 2012 referem-se a recasamentos (INE, 2013 citado por Delgado & Wall, 2014) o que mostra que a crescente escolha de recomeçar uma família, principalmente após um divórcio, se reflete como uma prática comum (Wall et al., 2013 citado por Delgado & Wall, 2014).

Assim, verifica-se que esta é uma escolha com cada vez mais relevância na evolução das relações familiares e que se sabe pouco sobre o fenómeno da reparceria (Raley & Sweeney, 2020). Para além disso, esta população aparenta não ter sido alvo de investigação em Portugal, apesar de ser conhecida a dificuldade em formar uma nova relação após um divórcio por ser uma tarefa complexa e exigente (McGoldrick et al., 2014). Além disso, este é um formato de relacionamento com desafios específicos, ao carecer de normas e de apoio social. Adicionalmente, a maioria das pessoas numa reparceria podem considerar mais facilmente o divórcio ou a separação como uma resposta para problemas relacionais (Coleman, 2000).

No entanto, apesar da reparceria aparentar ser caracterizada por desafios únicos, a literatura sobre estes processos e dinâmicas é escassa e alguns investigadores recomendam a realização de mais investigação qualitativa que procure dar resposta às singularidades das parcerias e configurações familiares contemporâneas (e.g., Rales & Sweeney, 2020). A par disso, este é também um formato de relacionamento que se encontra cada vez mais em Portugal (Guerreiro et al., 2007; Lobo & Conceição, 2003), o que realça a importância de recolher informação

relativamente às vivências desta população para, assim, contribuir com conhecimento específico para auxiliar na prevenção e intervenção com esta população.

A Reparceria na Psicologia da Família

É importante analisar a reparceria à luz da Psicologia Sistêmica da Família, uma vez que o subsistema do casal não só se inclui no sistema familiar, como mostra ser preponderante no estabelecimento e amadurecimento de outros subsistemas, como o subsistema filial (Alarcão, 2006). O subsistema do casal representa um modelo de referência relacional no desenvolvimento dos filhos, podendo impactar as diferentes relações de intimidade que estes podem vir a desenvolver. Da mesma forma, uma vez que o subsistema do casal se insere no sistema familiar, é necessário experienciar um processo dinâmico e desafiante de separação e diferenciação de outros subsistemas que os rodeiam (e.g., família de origem) (Alarcão, 2006). No caso dos casais em reparceria, uma vez que estes passam por uma reconfiguração do sistema familiar, o processo de diferenciação dos outros subsistemas pode tornar-se numa experiência desafiante e específica, uma vez que pode resultar numa coexistência e encontro de vários subsistemas e dinâmicas intergeracionais (Narciso & Ribeiro, 2009). A par disso, este é um formato de relação que pode, frequentemente, estabelecer-se na presença de filhos e sempre com uma família de origem e um ex-cônjuge, o que pode implicar novos e específicos ajustes a diferentes níveis devido, principalmente, a crenças irrealistas, que serão abordadas posteriormente, associadas à ligação entre o novo casal e os restantes subsistemas que com este interage (Alarcão, 2006; Santos et al., 2022). Desta forma, através de uma conceptualização sistêmica, podemos pressupor que devido à resistência dos sistemas a transformarem-se e renovarem-se qualitativamente, as pessoas recasadas não só transportam para as novas relações conteúdos das relações anteriores, como acrescentam novos subsistemas aos existentes (Alarcão, 2006; McGoldrick et al., 2014).

Separação, Divórcio, Viuvez e Reparcerias

O término duma relação tem sido descrito como um processo desafiante, podendo representar um fator de risco no desenvolvimento por, entre outros aspetos, contribuir para a formação de problemas emocionais (Boelen & Reijntjes, 2009). Nesse sentido, frequentemente, assume-se que para uma relação terminar terá de ter perdido aspetos essenciais à sua manutenção (Field et al., 2010). A intimidade, sendo um conceito que envolve qualidades que são também proporcionadas por relacionamentos românticos (e.g., confiança,

compreensão, companheirismo), é comumente associada a um dos motivos de término de relações, mais especificamente, a perda de intimidade (e.g., comunicação empobrecida, desconfiança, diminuição de empatia). Além disso, a percepção da diminuição da intimidade é um dos fatores principais em términos, que envolvem uma maior experiência de *distress* (Field et al., 2010). No entanto, Boelen e Reijntjes (2009) e Schneller e Arditti, (2004) assinalam também que a este evento pode suceder uma sensação e percepção de crescimento individual, sendo que numa investigação de Tashiro e Frazier (2003), a mudança positiva mais associada a um término de uma relação foram as mudanças das especificidades, traços e crenças, que resultaram na percepção de desenvolvimento pessoal. Acresce ainda uma a possibilidade de existir uma percepção mais otimista das futuras relações após os desfechos das anteriores, que se encontra relacionada com a possibilidade das pessoas visualizarem os problemas das suas antigas relações como algo que é passível de ser transformado (Tashiro & Frazier, 2003).

O divórcio, que pode ser descrito como um acontecimento de múltiplas perdas (e.g., perda de estabilidade financeira, perda de uma equipa parental, perda de redes sociais, perda de confiança) (Schneller e Arditti, 2004), surge como um fenómeno amplamente estudado. Inicialmente, procurou-se conhecer o seu impacto nos desafios do subsistema filial, mas, conseqüentemente, cada vez mais a investigação se tem centrado nas dinâmicas dos “casais divorciados” (Schneller & Arditti, 2004, p.2). Posteriormente, Schneller e Arditti (2004) realçam que a atenção dada ao *pós-divórcio* se dirigia principalmente às estruturas familiares que lhe eram conseqüentes, e.g., recasamento, relações padrasto e enteados, ou seja, colocando a ênfase nos desafios estruturais resultantes dessas alterações do sistema, aquando de um recasamento, uma vez que este formato familiar (Alarcão, 2006) aparenta apresentar características complexas e emaranhadas (Martin-Uzzi & Duval-Tsioles 2013). Por conseqüência, é importante ressaltar que apesar desta investigação não ter como objetivo conhecer as implicações deste formato de famílias na vivência do casal em reparceria, a experiência resultante do dia-a-dia destas parece ter um impacto importante, por exemplo, nas pessoas recasadas (Martin-Uzzi & Duval-Tsioles 2013). Apesar disso, reconhecendo a possibilidade de existirem essas influências, no caso de existirem participantes recasados ou com filhos com o ex-cônjuge, optou-se por analisar cada pessoa privilegiando a percepção da sua experiência relacional e íntima e considerando-a única, uma vez que a literatura demonstra que mesmo em contextos com famílias reconstituídas, regularmente multidesafiadas, a díade apresenta uma identidade que lhe é própria (Martin-Uzzi & Duval-Tsioles 2013).

Apesar da investigação de Schneller e Arditti (2004) incidir mais sobre as práticas parentais e o impacto das relações entre os diferentes subsistemas do novo sistema familiar das

reparcerias, procurou-se analisar como é que a população divorciada entendia e reenquadrava as suas expectativas face a futuras relações românticas. A literatura demonstra que, no que toca às crenças com que estas pessoas chegam à nova relação, as mesmas estão relacionadas com um processamento mais racional e pragmático (Furstenberg & Spanier, 1987). Este tipo de percepção parece ser contrário à ideia de um amor romântico, tipicamente associada aos primeiros casamentos e às primeiras relações, o que sugere que a experiência de uma pessoa após uma separação e/ou divórcio e, simultaneamente, aquando do desenvolvimento de uma reparceria, poderá ser distinta das primeiras parcerias (Furstenberg & Spanier, 1987).

Com o envelhecimento e viuvez mantêm-se presentes necessidades básicas associadas ao contacto físico e emocional com o outro. Além disso, face a um aumento da esperança média de vida e à solidão característica dessa fase, encontrar um novo parceiro é algo cada vez mais provável (Koren, 2014). A reparceria aparenta estar associada a um aumento no bem-estar psicológico após a viuvez (Schneider et al., 1996), mas o que se torna único nesta etapa de desenvolvimento é o facto das reparcerias poderem ajudar a enfrentarem a típica falta de controlo sobre processo de envelhecimento ou perda de pessoas, apoiando a descoberta de competências para aprender a lidar com esses eventos de vida ao ser considerada curadora e renovadora (Koren et al., 2022). A escolha do parceiro na idade tardia surge também associada a uma sabedoria característica desta fase de vida, em que se procura uma relação amorosa diferente onde se privilegia o que se tem versus o que se perdeu (Koren et al., 2022).

Singularidades da Reparceria

Harvey e colaboradores (1989, p.54) afirmam que “se a pessoa consegue desenvolver uma explicação que identifica um problema numa relação anterior falhada como sendo solucionável (e.g., problemas de comunicação), então as suas expectativas para futuras relações poderão ser influenciadas por isso”. Nesse sentido, a literatura propõe que é característico que, após o divórcio, o que as pessoas parceiras idealizam nas suas reparcerias está intimamente relacionado com as suas percepções do que se encontrava em menor quantidade e qualidade nos seus casamentos (Schneller & Arditti, 2004). Tal ocorre porque, frequentemente, há uma procura por algo que é percebido como “diferente”, sendo que esta noção aparenta ter origem num processo de reflexão que acontece como consequência do que foi vivido no passado (Schneller & Arditti, 2004). Contudo, é possível perceber, através de investigações como as de Park e MacDonald (2019), que existe alguma consistência no “tipo” de pessoa escolhida para uma relação. No entanto, apesar desta congruência nas características das pessoas parceiras ao longo da vida, após um término, parece existir uma melhor percepção sobre

o “tipo” de pessoa com quem se ambiciona estabelecer uma nova relação íntima, tipicamente diferente da anterior. Esta ideia de uma futura escolha de parceiro mais “certeira” pode estar relacionada com o facto de as percepções negativas associadas à vivência do fim de uma relação específica serem regularmente transportadas para as reparcerias (Field et al., 2010).

Apesar da reparceria ainda não ter sido alvo de estudo, algumas investigações realizadas fora do país com participantes em situações de pós divórcio e/ou em recasamento identificam algumas transformações específicas como: 1) existência da procura por relacionamentos mais igualitários em relação aos papéis de género, especialmente no que diz respeito às mulheres (Schneller & Arditti, 2004); 2) valorização da importância de respeitar a autonomia mútua dentro de um relacionamento, onde se enfatiza a manutenção de metas e atividades individuais (Schneller & Arditti, 2004); 3) quanto mais surge prejudicada a dimensão da confiança, mais difícil se mostra manter um compromisso na parceria (Schneller & Arditti, 2004); 4) uma maior atenção à comunicação, uma vez que é uma dimensão que está frequentemente afetada nas relações de casal anteriores, e, por isso, há expectativas que mudanças nessa componente podem levar a relações com mais sucesso; e 5) as expectativas no início destas relações aparentam estar reduzidas, como autoproteção devido a uma preocupação de experimentar outro fracasso.

Intimidade

Definições de Intimidade.

O ser humano está programado para a inevitabilidade e exigência de desenvolver e estabelecer relações de proximidade, que, quando vividas e experienciadas com qualidade, tendem a contribuir para uma maior percepção de bem-estar geral (Kansky, 2018). Já Baumeister e Lerry (1995) realçam, numa revisão de literatura, o quão necessário é a experiência recíproca de uma sensação de vínculo, de compreensão e de aceitação para a manutenção de motivação durante todo o ciclo de vida. Por sua vez, considerando as relações amorosas um aspeto basilar da condição humana (Berscheid & Reis, 1989), a intimidade surge com um conceito amplamente investigado na literatura como um aspeto central e essencial a muitas formas de relações interpessoais (Laurenceau & Pietromonaco, 1998). Este conceito é caracterizado por Levine (1991, p.260) como a *cola* que entrelaça as várias relações que estabelecemos e que funciona como preditor da percepção de satisfação com e na relação (Narciso & Ribeiro, 2009). Entre várias definições que, ao longo do tempo, procuram caracterizar a intimidade, percebemos que mesma maioria sugere que envolve um processo de proximidade com o outro, em que se partilha e se procura construir a dois um “nós”, que entre aproximações e “desaproximações” ao “eu” e ao “tu”, se estabelece como um processo interrelacional (Narciso

& Ribeiro, 2009). Para isso, é necessário considerar as manifestações de alteridade (i.e., o que é característico do outro) como fundamentais à diferenciação do casal, de tal forma que a genuinidade e autenticidade do outro não coloque em causa a conexão da díade (Ferreira, 2023)

A par disso, a intimidade aparenta ser condicionada por experiências pessoais (Narciso & Ribeiro, 2009), o que torna possível que, em situações de reparcerias, a cada nova vivência, a intimidade e o modo como as pessoas parceiras se relacionam, percebem e vivem as várias dimensões associadas à intimidade, sejam transformados e redefinidos.

Modelos de Intimidade.

De uma forma global, os modelos de intimidade contemplam dimensões semelhantes, como a confiança, a partilha, a comunicação, entre outras (Ferreira, 2013). No entanto, conceptualizar a intimidade como um processo holístico e como um processo interdependente é algo notório em principalmente três modelos, o de Narciso (2001), de Reis e Patrick (1996) e o de Ferreira e colaboradoras (2013).

O MSI, proposto por Ferreira e colaboradoras (2013), através de várias entrevistas diádicas que procuravam conhecer e mapear as características únicas deste conceito, possibilitou o surgimento de três dimensões principais – a autenticidade, a partilha e a confiança – que estabelecem relações com outras três dimensões – a privacidade, a autonomia e a compreensão. Este modelo revela-se inovador, ao acrescentar dois construtos face às dimensões já conhecidas empiricamente – a autenticidade e a privacidade (Ferreira et al., 2013).

Neste modelo, a Autenticidade, Confiança e a Partilha são os pilares fundamentais que se entrelaçam, formando a base essencial da proximidade num relacionamento amoroso (Ferreira et al., 2013). A autenticidade diz respeito à habilidade de expor genuinamente as nossas verdadeiras identidades, revelando o que mais nos define de uma forma profunda; a partilha abarca a revelação de aspetos do *self* e a vivência e compartilha de atividades a dois; a confiança implica a construção de uma imagem do parceiro como alguém que deseja o nosso bem e em quem podemos depositar expectativas, sentimentos e um compromisso sólido; a privacidade diz respeito ao espaço pessoal de cada um e a uma linha que separa o casal do mundo exterior; a compreensão e a perceção da mesma possibilitam uma partilha segura i.e., onde existe confiança e por último a possibilidade de existir uma expressão individual, através de projetos e interesses pessoais que se resumem em demonstrações de autonomia (Ferreira et al., 2023). Além disso, de forma a melhor gerir a distância que parece característica de movimentos de procura de autonomia e independência e, assim, possibilitar uma sensação de proximidade e vínculo, surge o conceito de Bowen (1979) de diferenciação do *self* que remete para um

equilíbrio entre o desenvolvimento emocional e procura de autonomia nas relações íntimas (Faber, 2004). Esta ideia é aprofundada e caracterizada por Schnarch (2010) como uma competência em estar-se em harmonia com as características, emoções e desejos do *self*, enquanto se está sincronicamente num vínculo característico de uma relação de intimidade. Para Schnarch (2010), a construção de uma diferenciação do *self* mostra-se imprescindível à satisfação conjugal e à noção de intimidade, uma vez que promove que distância essencial à privacidade da esfera “eu” seja vivida de forma tranquila por não pressupor um afastamento da esfera do “nós”. Assim, dinâmicas de casal em que é possível viver uma intimidade que respeita a alteridade do outro e em que se rejeita uma lente que subvaloriza a autonomia possibilitam que se mantenha uma sensação de inovação, contrária a uma sensação de rotina que costuma ameaçar a conjugalidade (Perel, 2007). Ao longo desta investigação, este conceito demonstra-se especialmente importante, uma vez que nas reparcerias se espera, à luz da investigação existente, encontrar uma maior expressão da vontade de genuinidade e autonomia, mantendo a proximidade com as pessoas parceiras (Schneller & Arditti, 2004).

A proximidade entre a satisfação conjugal i.e., a avaliação pessoal e subjetiva da qualidade conjugal realizada somente por quem integra essa relação (Narciso & Ribeiro, 2009), e a intimidade promovem a duração e estabilidade da relação de casal (Crespo et al., 2006). Por outro lado, a autonomia expressa no MSI (Ferreira et al., 2013) e a diferenciação do *self* (Schnarch, 2010) contribuem para um aumento da satisfação e desejo sexual (Mark & Lasslo, 2018), sendo que a primeira está relacionada positivamente com a satisfação conjugal (Garcia & Cano, 2009; Narciso & Costa 1996; Yeh et al., 2006). Por estes motivos, mostra-se pertinente conhecer que significados são atribuídos a estas dimensões e à percepção de satisfação das pessoas numa reparceria.

Contudo, o processo de intimidade não é estanque e, segundo a abordagem sistémica assumida nesta investigação, molda-se em função de interações mútuas entre as pessoas e o contexto, o que faz com que não só fatores externos possam influenciar a intimidade de uma díade, como a experiência de vida e a vivências após relacionamentos amorosos tenham impacto nos processos, dimensões e vivências de intimidade (Narciso & Ribeiro, 2009; Schneller & Arditti, 2004).

Assim, a literatura parece indicar o seguinte: 1) novas formas de família, como famílias reconstituídas, têm ganho espaço nas diferentes configurações familiares e, por sua vez, não devem ser compreendidas como simples extensões do modelo de família nuclear tradicional, uma vez que apresentam padrões, processos e dinâmicas específicas; 2) a experiências específicas destes novos relacionamentos estão relacionadas com a vivência de separação,

divórcio e viuvez que, por serem desafiantes, podem acarretar riscos face ao desenvolvimento e problemas emocionais; 3) a reparceria vista à luz da perspectiva da Psicologia Sistémica da Família reconhece a importância do subsistema do casal nestas configurações familiares; 4) a intimidade e a perceção de satisfação conjugal são influenciadas pelas experiências prévias à reparceria; e 5) apesar do aumento da relevância da reparceria nas relações familiares em Portugal, a literatura sobre os processos e dinâmicas da reparceria é limitada. Desta forma, surgiu a seguinte questão de partida:

Como é que as dimensões e os processos de intimidade conjugal propostos pelo modelo sistémico da intimidade são experienciados num relacionamento de reparceria?

Método

Objetivos

À luz do enquadramento teórico supracitado, esta investigação tem como principais objetivos procurar:

1) Averiguar a prevalência e aplicabilidade das dimensões do MSI de Ferreira e colaboradoras (2013) a este formato de relacionamento, a reparceria;

2) Aceder a significados, experiências e vivências de pessoas em reparceria, conhecendo aspetos chave que caracterizam a experiência individual de intimidade de um casal em reparceria;

3) Identificar que fatores são percebidos como de risco e/ou de proteção na perceção individual do desenvolvimento da intimidade de um casal em reparceria.

Neste sentido, procura responder às seguintes questões de investigação: 1) que vivências únicas emergem ao considerar a experiência de uma reparceria?; 2) quais são as principais expectativas que estão envolvidas no processo de formação de uma relação de reparceria?; 3) que aspetos chave caracterizam a intimidade de um casal em reparceria?; 4) como é experienciada e valorizada a autenticidade, a autonomia, a partilha, a privacidade, a compreensão e a confiança num casal em reparceria?; 5) que transformações ocorrem na intimidade de um casal em reparceria face à sua relação anterior?; 6) quais os fatores de proteção percecionados no desenvolvimento da intimidade de um casal em reparceria?; 7) quais os fatores de risco percecionados no desenvolvimento da intimidade de um casal em reparceria?; 8) quais as dimensões associadas à intimidade que surgem como mais relevantes para a satisfação conjugal?; 9) de que forma é que os aspetos chaves da intimidade de um casal em reparceria influenciam a satisfação conjugal?

Assim, esta investigação, não só contribui para o aumento da pouca literatura existente sobre as especificidades das reparcerias (Rales & Sweeney, 2020), como pretende fornecer pistas para uma maior eficácia na intervenção clínica, uma vez que procura conhecer a vivência das dimensões do MSI de Ferreira e colaboradoras (2013) nesta forma de relacionamento.

Desenho do Estudo

Uma abordagem qualitativa assume uma postura que privilegia a experiência subjetiva dos participantes, assumindo uma perspectiva holística e profunda de cada um e a descrição rica de um fenómeno específico (Vishnevsky & Beanlands, 2004). Desta forma, a investigação proposta segue esta linha metodológica, uma vez que procura conhecer as experiências individuais e os significados atribuídos às mesmas. Por conseguinte, foi adotado o paradigma epistemológico construtivista, que segundo Guba e Lincoln (1994), assume a existência de múltiplas realidades, ou seja, ontologia relativista, uma vez que através de novas experiências, a perceção da realidade, como construção mental, torna-se suscetível a ser alterada. Assim, ao assumir-se uma ontologia relativista, o conhecimento sobre diferentes fenómenos passa a ser coconstruído por meio da inter-relação entre o investigador e os participantes, o que faz com que apenas seja possível acessar às diferentes conceções mentais dos integrantes acerca da realidade por meio de técnicas que permitem essa interação (Aires, 2011; Guba & Lincoln, 1994).

Como tal, optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada que procurasse dar resposta às questões de investigação e aos objetivos gerais e específicos mencionados anteriormente. A entrevista semiestruturada é considerada o método mais utilizado para recolha de dados em investigações qualitativas, uma vez que permite ao investigador questionar e ouvir o participante a partilhar a sua experiência sobre um determinado aspeto (Willing, 2013). Nesse sentido, tendo como objetivos os supramencionados, a entrevista surge de uma exigência do investigador em compreender o significado, profundo e intrínseco, atribuído pelas pessoas aos seus comportamentos e às suas vivências (Aires, 2011).

Neste sentido, Kallio e colaboradores (2016), numa revisão metodológica sistemática, consideram que a capacidade de promover reciprocidade entre o entrevistador e o participante permite ao investigador improvisar perguntas com base nas repostas dadas. No entanto, os mesmos autores realçam que a utilização desta ferramenta requer um nível adequado de conhecimento sobre a área de pesquisa. Assim, dado o carácter exploratório desta investigação e a utilização de uma entrevista semiestruturada, foi criado um guião de entrevista (Apêndice

A), que não inclui perguntas específicas, mas que abrange sim os principais tópicos a explorar, em formato de blocos temáticos (Taylor, 2005 citado por Kallio, 2016). Algo característico desta escolha metodológica é a possibilidade do guião, apesar de conter estrutura, não precisar de ser seguido rigidamente (Kallio, 2016).

Participantes

A presente investigação englobou uma amostra composta por 14 pessoas, sendo que cinco participantes se identificavam com o género masculino (M) e nove com género feminino (F), que cumprem os seguintes critérios de inclusão na amostra: 1) ser residente em Portugal e fluente na língua portuguesa; 2) ter idade igual ou superior a 18 anos e 3) estar numa relação amorosa diádica (namoro, coabitação ou casamento) pós divórcio, separação ou viuvez, com ou sem filhos. Analisando a caracterização sociodemográfica da amostra, todos os participantes residem em Portugal e a sua identificação cultura e/ou étnico-racial é caucasiana/branca; a mesma compreende idades entre os 19 e os 69 anos ($M=39.6$, $DP=18$); e, no que toca à orientação sexual, a maioria da amostra ($n = 11$) identificou-se como heterossexual, dois participantes como bissexuais e um participante como pansexual. No que toca à relação anterior dos participantes, para nove dos participantes terminou através de uma separação (S), quatro através de um processo de divórcio (D) e um através de uma viuvez (V). Seis dos participantes tinham filhos com os seus ex-parceiros, os restantes não tinham filhos, nem com ex-parceiros, nem com o atual parceiro ($n = 8$). No que toca à relação atual dos participantes, seis participantes coabitam com o parceiro atual, oito participantes não e, no que concerne à duração da relação de cada participante, variam entre 6 meses e os 13 anos ($M= 5$; $DP = 4,5$).

Instrumentos

Atendendo à necessidade de conhecer e compreender as transformações associadas às experiências idiossincráticas de pessoas numa relação de reparceria, realizou-se uma entrevista semiestruturada composta por um guião organizado com os seguintes blocos temáticos: 1) informação; 2) informações sobre a relação de reparceria; 3) intimidade; 4) satisfação conjugal e intimidade; e 5) finalização. Com exceção do primeiro e do último bloco temático, que dizem respeito a componentes mais informativas e logísticas da entrevista que são importantes ser lembradas, como os seus limites éticos e a confidencialidade que lhe é inerente, bem como um agradecimento pela participação na mesma, os restantes procuram responder aos objetivos e questões de investigação definidos. O bloco temático que diz respeito às informações sobre a relação de reparceria procurou conhecer que características específicas é que os participantes vivenciaram ao longo da sua viagem de reparceria, sendo que se procura identificar quais foram

as principais dificuldades da formação da nova relação, quais eram as expectativas que estavam inerentes ao processo, a fase de vida que os participantes percecionavam encontrar-se e procurar aceder à perceção dos mesmos face ao início da relação e as possíveis transformações inerentes à mesma. Nesse sentido, para dar abordar os participantes, no sentido de chegar às informações pretendidas, algumas das perguntas que foram feitas foram: *“Se pudesse voltar atrás no tempo, que dificuldade é que apagava face ao início da sua relação?”*; *“Quando pensa no início da sua relação, que expectativas é que levava consigo?”*.

O bloco temático que diz respeito à intimidade procurou conhecer os significados atribuídos à vivência da intimidade de cada participante e a exploração desta dimensão à luz das dimensões do MSI (Ferreira et al., 2013), nomeadamente como são vividas e as suas significações se foram na experiência de uma reparceria. A par disso, pretendeu reconhecer e distinguir que fatores colocam em risco e/ou protegem a intimidade e a relação que esta estabelece com a comunicação, nomeadamente qual a sua importância percebida e possíveis transformações e características específicas da mesma na reparceria. De acordo com estes objetivos, algumas das questões utilizadas ao longo das várias entrevistas foram: *“Se o seu significado de Intimidade fosse um guarda-chuva, que palavras-chave estariam por baixo do mesmo?”*; *“Se a sua intimidade estivesse sobre alvo de ataque, que dimensões lhe surgem como possíveis protetores das diferentes ameaças?”*.

Por último, no que concerne ao bloco temático – satisfação conjugal e intimidade – partiu-se do objetivo de compreender que relação se estabelece entre os dois conceitos e de que forma estes se interligam, assim como se procurou apreender as definições e transformações que os participantes identificavam face ao conceito de satisfação conjugal. A par disso, pretendeu identificar os fatores que facilitam esta interligação e quais são os principais obstáculos que pode experienciar. Por conseguinte, algumas das perguntas colocadas aos participantes para dar resposta aos objetivos deste bloco temático foram as seguintes: *“Como explicaria a relação entre a Intimidade e a Satisfação Conjugal?”*; *“Dos aspetos de intimidade que fomos falando ao longo da entrevista, quais são aqueles que mais contribuem para a sua perceção de satisfação conjugal?”*.

Procedimento

Para a recolha de amostra foi criado um formulário através da plataforma *Google Forms*, que mencionava o tema e os diferentes objetivos da investigação, bem como, os critérios de elegibilidade e o mesmo foi posteriormente divulgado através de diferentes redes sociais com perfis profissionais (e.g., *Facebook, Instagram, LinkedIn*). Após o preenchimento do

formulário, os participantes foram contactados para o agendamento da entrevista, numa data que fosse conveniente e receberam em anexo à mesma comunicação o questionário sociodemográfico (Apêndice B) e o consentimento informado (Apêndice C), que relembra os limites éticos e os princípios de confidencialidade desta investigação, bem como expressa a necessidade, para facilitação e rigor da análise de dados, da gravação do áudio da entrevista para posterior transcrição, para que, assim, os mesmos documentos pudessem ser preenchidos e entregues antes do início da entrevista. Desta forma, ao longo do processo de transcrição, os nomes dos/das participantes foram alterados e substituídos por nomes fictícios e todas as informações dadas pelos mesmos que pudessem ser reveladoras da sua identidade, colocando em risco a privacidade do mesmo, foram eliminadas ou modificadas no texto. Ao longo desta comunicação, os participantes foram também informados de que a entrevista teria aproximadamente a duração de uma hora e que poderiam optar por realizar a mesma, presencialmente, numa sala própria da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa ou virtualmente, através da plataforma que fosse mais conveniente ao participante (e.g., *Google Meets* ou *Zoom*). Foram realizadas quatro entrevistas presencialmente e as restantes dez foram realizadas virtualmente. As entrevistas duraram em média 47 minutos, e com a conclusão da investigação todos os áudios foram eliminados. Uma vez que, ao longo desta investigação, os entrevistados foram motivados a procurar outros que pudessem preencher os requisitos de elegibilidade para participar na investigação, procedeu-se a uma amostra por conveniência através do efeito bola de neve (Howitt, 2016). Antes de iniciar a entrevista, a recolha de dados iniciou-se com um momento quebra-gelo e com um agradecimento pela participação, assim como pela confirmação do preenchimento dos documentos enviados previamente.

Todas as entrevistas foram completamente transcritas e as mesmas foram posteriormente analisadas utilizando o software NVIVO Pro 14. Importa ressaltar que enquanto as entrevistas eram realizadas, o processo de transcrição e análise foi iniciado sincronicamente, juntamente com a condução de entrevistas com outros participantes.

A investigação e metodologia mencionada anteriormente foi aprovada pela Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Análise de Dados

Todas as entrevistas foram completamente transcritas e as mesmas foram posteriormente analisadas utilizando o *software* NVIVO Pro 14, utilizado frequentemente em investigação qualitativa. Importa ressaltar que enquanto as entrevistas eram realizadas, o processo de

transcrição e análise foi iniciado sincronicamente, juntamente com a condução de entrevistas com outros participantes.

A análise de dados seguiu o modelo de análise temática de Braun e Clarke (2006), que, através de uma revisão sobre metodologia qualitativa, estabelece uma organização e descrição dos dados qualitativos, permitindo conhecê-los e analisá-los. A escolha da utilização da análise temática torna-se evidente, uma vez que esta é considerada por Braun e Clarke (2006) como uma ferramenta flexível e basilar às metodologias qualitativas, assim como é considerada a escolha ideal para os investigadores que se iniciam em metodologias de análise de dados qualitativas, como é o caso, uma vez que proporciona competências centrais que podem ser úteis para adquirir conhecimentos sobre outras formas de análise.

Apesar de uma das características do modelo de análise temática ser a flexibilidade, Braun e Clarke (2006) realçam a importância que existe na necessidade desta vantagem ser equilibrada por algumas linhas orientadoras claras, sendo que, caso não se procure estabelecê-las, a crítica “*tudo vale*” (Antakiet al., 2002 citado por Braun & Clarke, 2006, p. 78) na investigação e na metodologia de análise de dados qualitativa pode verificar-se. Em consequência, é necessário optar por um caminho de análise mais indutivo ou *bottom-up*, em que os temas surgem diretamente dos dados, ou dedutivo ou *top-down*, em que os temas surgem de uma interpretação com base em conceitos já investigados (Braun & Clarke, 2006). Ao longo desta investigação, foram adotadas ambas as abordagens, sendo que foi seguida, principalmente, uma abordagem teórica, onde os temas e categorias encontrados nascem de uma interpretação com origem em conceitos já existentes na literatura [e.g. diferenciação do *self* (Bowen, 1979; Schnard, 2010); dimensões do MSI (Ferreira et al., 2013)], ou seja, uma análise mais dedutiva (Braun & Clarke, 2006). Contudo, uma vez que estamos perante uma investigação com um paradigma construtivista (Guba & Lincoln, 1984; Kallio, 2016) e exploratória, ao longo da análise, onde não se verificou um alinhamento das partilhas dos participantes com teorias pré-existentes, manteve-se aberta a possibilidade de existirem temas e categorias que têm origem *in vivo*, criando relações próximas com as expressões e vocábulos utilizados pelas pessoas que participaram na investigação, o que por si só se aproxima mais de uma abordagem indutiva, ao nível latente (Braun & Clarke, 2006).

O processo de análise seguiu as linhas orientadoras propostas por Braun e Clarke (2006), que se dividem em seis fases – familiarização com os dados, criação de códigos iniciais, procura de temas, revisão de temas, definição e nomeação dos temas, redação dos resultados.

Desta forma, o processo de análise começou com a transcrição de todas as entrevistas, o que contribuiu para uma maior proximidade com os dados. Posteriormente, iniciou-se a fase da

criação de códigos, onde se procurou, ao reler as transcrições, nomear e atribuir categorias e ideias chave a excertos do texto que remetam para pensamentos similares (Braun & Clarke, 2006). Na etapa que consiste na procura de temas, que remete para a criação de categorias que se relacionem e partilhem significados para que possa formar um tema, procurou-se codificar tudo aquilo que era considerado pertinente, criando, para além de categorias, subcategorias. Através de uma codificação aberta (Howitt, 2016) foi possível desenvolver categorias que fossem descritivas dos dados, de tal forma que se procurou estabelecer relações com alguns conceitos originários da investigação já mencionada. Ao longo desta etapa, criaram-se também categorias e subcategorias *in vivo*, i.e., o nome da categoria ou subcategoria surge a partir de palavras e/ou expressões a que os participantes recorrem ao longo da entrevista (Braun & Clarke, 2006), o que permitiu que a experiência única e idiossincrática dos participantes fosse contemplada, assim como se manteve ativo o processo de recolha de dados enquanto se iniciava a análise. De seguida, foi necessário visitar e analisar toda a árvore de categorias de forma a rever as suas componentes, o que implicou a recodificação de alguns excertos, para que se eliminassem as categorias e subcategorias que não apresentavam saturação teórica suficiente ou relevância. De forma geral, o conceito de saturação, elemento metodológico indispensável oriundo da *grounded theory*, remete para o momento adequado para terminar de recolher dados e/ou de os analisar e atualmente é utilizado e aceite em abordagens de investigação qualitativa (Saunders et al., 2018). Assim, através de uma codificação axial (Howitt, 2016), que garantiu que existisse uma nova organização do mapa de categorias, e, posteriormente, uma codificação seletiva (Howitt, 2016) que permitiu que emergissem os temas e categorias com mais relevância (Braun & Clarke, 2006). Ao longo desta etapa, foi crucial *questionar os dados*, para que as categorias e subcategorias finais fossem os mais ajustadas e congruentes com os objetivos da investigação possível, da mesma forma que se procurou recorrer a um nível de análise mais abstrato em que se conceptualizou os dados numa narrativa subjetiva à atribuição de significados da investigadora, que espelhasse os dados e os temas centrais como um todo (Braun & Clarke, 2006). Por último, a definição e nomeação dos temas, onde se atribui uma definição operacional (Apêndice D) a cada categoria e subcategoria, e a redação dos resultados realizaram-se em conjunto.

Ao longo da análise de dados recorreu-se à: 1) redação de *memos*, que consistem em apontamentos que dizem respeito a ideias, questões e dúvidas face aos dados e que, por sua vez, constituem uma ferramenta útil na reflexividade inerente ao processo de investigação qualitativa, uma vez que promove a transparência do processo de análise e espaço para refletirem sobre os significados dos dados (Olmos-Veja et al., 2022); 2) ao desenho de mapas

mentais, para que fosse possível analisar as relações entre os dados e contribuir para uma maior percepção de que perguntas ainda estariam por colocar; 3) à produção e verificação de matrizes de codificação, com recurso ao *software* escolhido, de modo a realizar comparações entre alguns aspetos demográficos recolhidos no questionário sociodemográfico (e.g., género) com categorias e subcategorias específicas e por último 4) à análise e revisão cuidada da árvore de categorias pelo grupo de supervisão e orientadora deste projeto de investigação, o que remete para um dos critérios de qualidade referidos por Tong e Craig (2007).

Papel do Investigador

“Reflexivity as a never-ending hall of mirrors” (Olmos-Veja et al., 2022, p.248)

A investigação qualitativa, ao contrário da abordagem quantitativa, valoriza a interação entre o investigador, o campo de estudo e os participantes, uma vez que os considera parte intrínseca do processo de investigação e, por isso, a contribuição do investigador não deve ser eliminada, uma vez que faz parte da produção de conhecimento (Duarte, 2009). A par disso, a entrevista envolve uma dinâmica de trocas, onde existe influência mútua entre as partes que a constituem, através das características de cada uma e das próprias emoções, sensações e percepções experienciadas ao longo da entrevista, quer pelo investigador, como pelo entrevistado (Aires, 2011). Procurar ir contra esta subjetividade inerente ao processo de investigação qualitativo coloca o investigador numa posição hierárquica que este não ocupa na realidade (Olmos-Vegas et al., 2022), uma vez que é sabido que, devido à proximidade e envolvimento característicos do processo de recolha e análise, é desaconselhável para os investigadores qualitativos ignorarem os seus vieses (Tong & Craig, 2007).

Desta forma, partindo do conhecimento de que é importante que exista uma reflexão do investigador que procure tornar explícito a sua subjetividade (Olmos-Vegas et al., 2022) e de que é um critério de qualidade da investigação reconhecer aspetos característicos (e.g., identidade, género, formação) que possam estar de alguma forma inconscientemente interrelacionados com alguns resultados desta investigação, esta investigadora reconhece-se como caucasiana, cisgénero, jovem adulta, sem filhos que desenha este projeto de investigação sabendo que se considera próxima à temática em estudo, uma vez que o agregado familiar da própria engloba um processo de reparceria.

Além disso, a lista de critérios de qualidade para investigações qualitativas proposta por Tong e Craig (2007) frisa que as interações durante as entrevistas devem ser mencionadas, uma vez que possivelmente podem influenciar em certa medida a compreensão do investigador

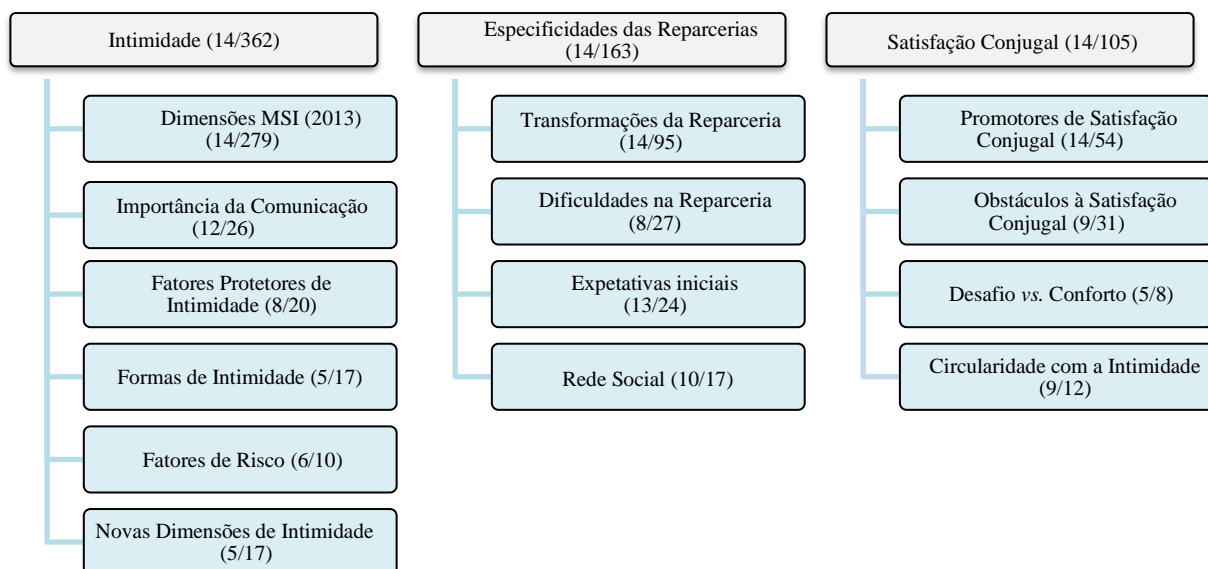
sobre os fenómenos. Deste modo, durante uma das entrevistas realizadas face à percepção da entrevistadora de que haveria a possibilidade de estar perante um(a) participante numa situação de risco (e.g., relação com contornos de violência psicológica), foi sugerida uma lista de contactos de emergência e acompanhamento psicológico.

Resultados

Os resultados desta investigação dividem-se em três temas – **Intimidade, Especificidades das Reparcerias e Satisfação Conjugal** (Figura 1). Cada categoria será acompanhada por uma definição operacional (Apêndice D) e por uma citação ilustrativa. Os participantes são identificados com um nome fictício (e.g., Sónia), seguido do seu género (Homem-H/Mulher - M) e por fim de uma indicação que distingue participantes com filhos (CF) e sem filhos (SF), Ao longo da apresentação dos resultados, cada (sub)categoria mencionada será seguida, entre parênteses, do número de fontes (i.e., número de participantes em que surgiu) e referências (i.e., número de vezes que surgiu), assumindo a subseqüente configuração: (Fontes/Referências) – e.g., (14/176).

Figura 1

Árvore de Categorias com os temas principais e as categorias que os compõem



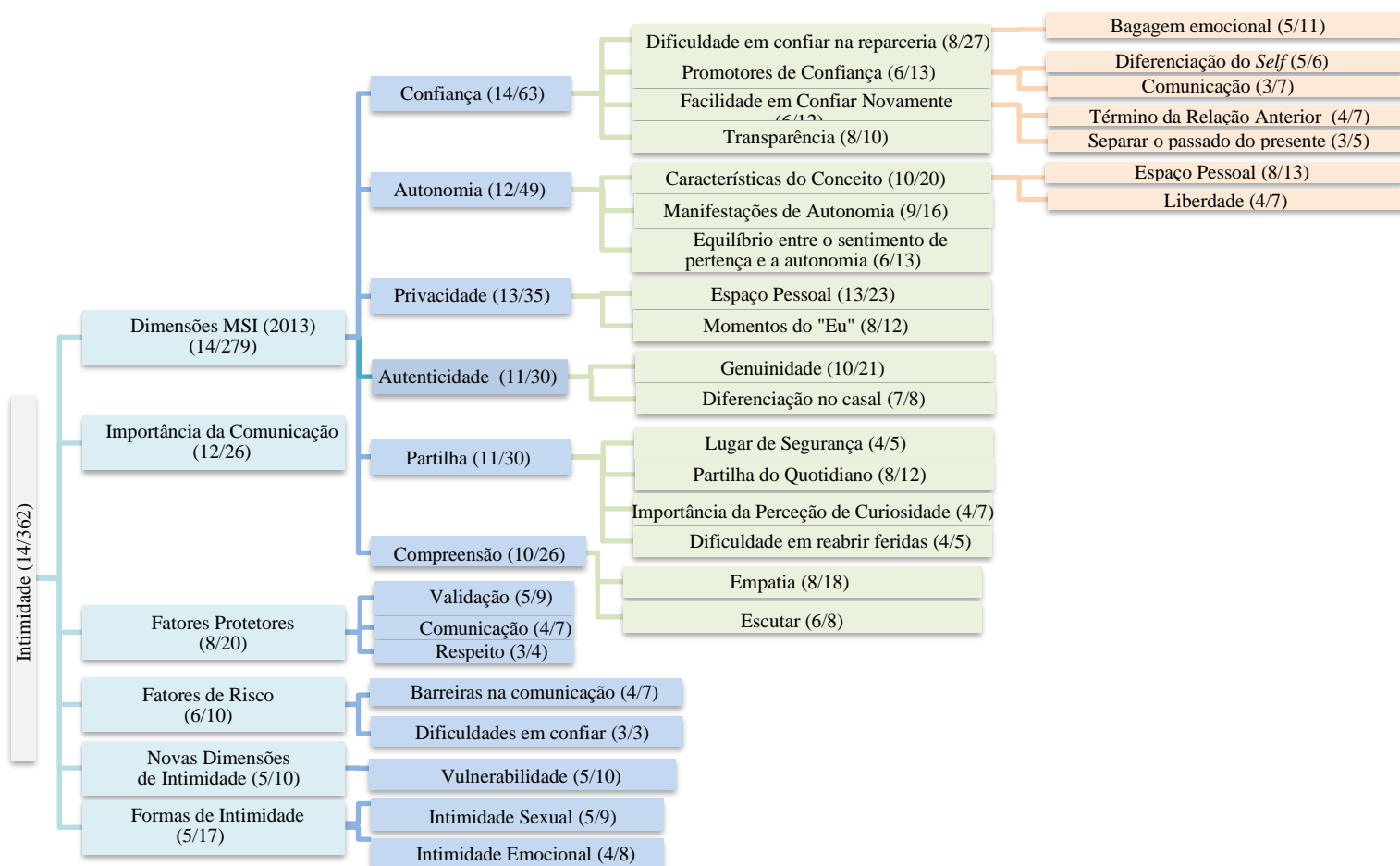
Intimidade

O tema **Intimidade** (14/362) é considerado pelos participantes como uma condição essencial à vivência das reparceria. Desta forma, os participantes caracterizam e procuram dar a conhecer as suas reflexões e os significados atribuídos à intimidade, tal como identificam

diferentes formatos que a mesma pode assumir (Figura 2). Além disso, partilham nas suas narrativas fatores potencialmente percebidos como ameaçadores à formação e manutenção da intimidade e, por sua vez, aqueles que são percecionados como possíveis agentes de segurança e proteção (Figura 2).

Figura 2

Mapa Representativo do tema Intimidade e as categorias e subcategorias que o compõem



A intimidade é vista à luz de diferentes componentes caracterizadas pelas **Dimensões MSI (2013)** (14/279), uma vez que fazem referência aos conceitos propostos pela investigação desenvolvida por Ferreira e colaboradoras (2013), que definem e conceptualizam o conceito de Intimidade Assim, a suas dimensões são consideradas pelos participantes desta investigação como essenciais à intimidade, surgindo, desta forma, como suas subcategorias a **Confiança** (14/63), **Autonomia** (12/49), **Autenticidade** (11/30), **Privacidade** (13/35), **Partilha** (11/30) e **Compreensão** (10/26). Para o desenvolvimento da intimidade, é essencial para os participantes a perceção de uma sensação de segurança e vínculo com o parceiro, que se numa sensação de

Confiança (14/63). Para os participantes, nesta percepção de segurança e vínculo, encontra-se a possibilidade de existir **Transparência** (8/10), i.e., uma possibilidade de partilha total para com as suas pessoas parcerias, onde se pode contar tudo, principalmente inseguranças, vivências que não partilham com outras pessoas: *“com essa segurança tu és capaz de abrir, de falar-te as coisas mais difíceis, coisas que não consegues falar com ninguém, com essa pessoa tu consegues falar”* (Júlia/F/CF). A sensação de abertura e apoio, que possibilita a vivência de uma relação com confiança, pode ser promovida para os participantes através de momentos de **Comunicação** (3/7) daquilo que os deixa inseguros e daquilo que valorizam nas atitudes do parceiro: *“E, a partir daí, muita comunicação, do género, olha, fiquei super insegura com isto, gostei imenso desta atitude, e o mesmo do outro lado, o que foi fazendo com que nós realmente ganhássemos uma confiança que hoje em dia é praticamente de olhos fechados.”* (Maria/F/SF). Para além da comunicação, os participantes consideram que, para uma maior promoção de um vínculo seguro nas suas relações, é necessário que exista um processo de aprendizagem e conhecimento de si mesmos, intrínseco a cada pessoa, que promove o seu desenvolvimento emocional, bem como a capacidade para adquirir equilíbrio entre funcionamento emocional, intelectual, intimidade e autonomia nas relações. Este movimento aproxima-se da possibilidade de estar em harmonia com o *self* e simultaneamente ligado de forma íntima à pessoa parceira, associando-se à ideia de **Diferenciação do Self** proposto por Bowen (1979) e aprofundado por Scharnch (2010): (5/6): *“...ainda estou, tipo, a aprender, tipo, ok, tu és suficiente (...) porque, na verdade, isto tudo tem a ver comigo, não tem a ver com a pessoa com que eu estou. E acho que é um processo.”* (Raquel/F/SF); *“Nós vamos melhorando com o nosso autodesenvolvimento, com a nossa experiência emocional, nós vamos melhorando, vamos-nos tornando mais confiantes.”* (Mauro/M/CF). Desta forma, a comunicação e a diferenciação do *self* são considerados pelos participantes como **Promotores de Confiança** (6/13). A par destes fatores que são mencionados pelos participantes como possíveis ferramentas que combatem os desafios encontrados no estabelecimento de uma relação de confiança na reparceria, a possibilidade de experienciar **Facilidade em Confiar Novamente** (6/12), i.e., a percepção de que a abertura à experiência emocional de uma nova relação pode ser conseguida com menor percepção de desafios e dificuldades, encontra-se para alguns participantes relacionada com as características do **Término da Relação Anterior** (4/7). Desta forma, a percepção que os participantes têm do modo como terminou a sua relação anterior, mais especificamente, a capacidade aquando de um término de ter a sensação de que existe possibilidade de manter uma boa relação com a ex-pessoa parceira ou de que não existiram quebras de confiança, traições e traumas relacionadas com a mesma, o que se reflete numa sensação por parte dos

participantes de que o que ficou para trás ficou bem resolvido, pode essa condição ser um elemento facilitador aquando do estabelecimento da reparceria: *“consegui acabar numa amizade e numa de ter uma conversa e conseguimos encontrar aspetos positivos do assunto, refletir sobre as coisas boas e más”* (Jorge/M/SF). Além disso, a possibilidade de **Separar o Passado do Presente** (3/5), isto é, para alguns dos participantes a perceção de uma diferenciação entre as experiências relacionais vividas no passado, em relações prévias, e as experiências que se demonstram possíveis com e numa reparceria, pode contribuir para uma maior **Facilidade em Confiar Novamente**: *“eu diria que aquilo que aconteceu numa relação, tento que fique naquela relação e quando se inicia uma relação nova, tento iniciá-la de cabeça o mais limpa possível.”* (Augusto/ M).

Contudo, os participantes nesta investigação destacam que estabelecer um novo vínculo de **Confiança** pressupõem desafios difíceis e por isso mencionam que existem **Dificuldades em Confiar na Reparceria** (8/12) que estão associadas ao transporte de uma **Bagagem Emocional** (5/11) de inseguranças e experiências provenientes de relações anteriores para o relacionamento atual: *“e de facto, essa carga ou essa bagagem emocional da outra relação foi de facto um grande empecilho ou um grande peso que no início estava presente”* (Mauro/M/CF). Assim, é possível perceber que o peso atribuído à experiência prévia e às vivências de relações anteriores surge como uma dificuldade relevante encontrada pelos participantes para estabelecer uma relação assente na confiança.

Para uma vivência de **Intimidade** completa a **Partilha**, que remete para a comunicação de pensamentos, emoções e gostos e que envolve a partilha e o desfrutar de atividades em conjunto, envolve um espaço em que os participante identificam a importância de falar sobre aspetos e vivências diárias, como rotinas e momentos específicos que remetem para a relevância de **Partilhar o Dia-a-dia** (8/12): *“poder chegar a casa e contar coisas mínimas do dia-a-dia”* (Isabel/F/SF). Por outro lado, os participantes consideram que a dimensão da **Partilha** estabelece uma ligação íntima com a dimensão da **Confiança** por pressupor o desenvolvimento de um espaço onde é possível ser-se transparente e por isso ser-se vulnerável, contribuindo para a construção de um **Lugar de Segurança** (4/5), onde existe uma sensação de bem estar e de receptividade a qualquer partilha, mesmo aquelas que são percecionadas como mais difíceis: *“eu acho que a partilha acaba por envolver (...) esse lugar seguro de poder partilhar.”* (Maria/F/SF). Para que a **Partilha** seja possível, os participantes realçam a **Importância da Curiosidade** (4/7), que remete para a relevância que os participantes atribuem à demonstração de interesse por parte das suas pessoas parceiras face às suas partilhas: *“ele interessa-se mesmo pelas minhas coisas (...), sinto-me à vontade para partilhar os meus*

interesses... e isto era uma coisa que eu não conseguia fazer no passado com as pessoas porque não se interessavam e não queriam saber” (Rosa/F/SF). Através deste excerto, este participante revela como é crucial receber por parte do outro interesse genuíno face às suas partilhas e que sem essa demonstração de curiosidade não se sente confortável para o realizar. Contudo, alguns participantes realçaram que na Partilha poderia existir um desafio e um medo associado ao recontar das suas histórias, dos seus traumas, das suas vivências nas relações anteriores que classificam com uma **Dificuldade em Reabrir Feridas** (4/5):

é muito difícil teres dito algumas coisas à pessoa com quem estavas e teres de voltar, tipo, a dizê-las e a contar e a explicar a outra pessoa, como é que funcionas, as tuas relações passadas, os teus medos, as tuas dores. (Raquel/F/SF).

Para a o desenvolvimento da **Partilha** e da **Confiança a Compreensão**, caracterizada por envolver uma procura pelo conhecimento das necessidades do outro e o assumir de uma postura empática e de escuta, respeitando os silêncios e procurando aceder ao que o outro precisa. Nesse sentido, a **Compreensão** compreende para os participantes uma perceção de **Empatia** (8/18) que realça a importância dada pelos participantes à expressão “colocarmo-nos no lugar do outro”. Para estes, uma verdadeira tentativa de **Compreensão** envolve necessariamente procurar conhecer o que o outro sente e a sua experiência, conhecendo a sua experiência única enquanto se procura refletir sobre o que se sentiria se estivesse numa determinada situação: *“Compreender, de alguma maneira, (...) é perceber, é pormo-nos no lugar da outra pessoa.”* (Caetana/F/SF). Por outro, também envolve um processo de **Escutar** (6/8), que para os participantes deve ser o ponto de início da **Compreensão**, onde através do silêncio se ouve o que o outro sente, as suas opiniões e se evita começar a argumentar sem se ter procurado completamente ouvir o que outro tem para dizer: *“ouvindo o que é que a pessoa sente e o que é que a pessoa acha, (...) sem começar logo a argumentar”* (Jorge/M/SF).

Para além disso, a perceção de que simultaneamente à existência de um parceiro que procura compreender e conhecer as necessidades individuais e únicas de cada membro do casal, existe uma aceitação que remete para a sensação de que é possível manifestar em diversos comportamentos, ações, gostos e valores uma noção de individualidade, que permite que cada pessoa possa seguir os seus interesses sem se sentir preso, promovendo uma sensação de **Autonomia** mostra-se essencial para a construção de uma intimidade satisfeita. Para os participantes esta sensação envolve **Características Específicas** (10/20) como uma perceção de **Espaço Pessoal** (8/13) e de **Liberdade** (4/7). O **Espaço Pessoal** que engloba para os

participantes não só uma percepção de momentos em que existe espaço físico, como espaço psicológico, espaço de ideias, que se refere no fundo à possibilidade de ser-se “eu” sem se sentir apertado e enclausurado: “*Sim, também é espaço, é um bocadinho de tudo. É o espaço psicológico, é o espaço físico, é o espaço de ideias.*” (Caetana/F/SF). Dessa forma, a abertura e possibilidade para a existência de um “local” na intimidade onde é possível ser-se “por inteiro”, promove em alguns participantes uma sensação de **Liberdade** que é possível e coexiste com a sensação de compromisso, através de uma percepção de que se é independente em certa medida e que se pode tomar decisões e seguir interesses sozinho, sem perder a relação com o outro: “*a autonomia manifesta-se um bocado na liberdade que se tem dentro de um contexto de compromisso.*” (Maria/F/SF). Assim, percebe-se que para esta participante, apesar de haver uma sensação de liberdade e autonomia, continua a existir um contexto relacional que implica um compromisso. Por isso, a sensação de **Liberdade** na **Autonomia** relaciona-se com a procura por um **Equilíbrio entre o Sentimento de Pertença** e a **Autonomia** realçada pelos participantes, de tal forma que, atingir esse equilíbrio significa que as necessidades individuais de autonomia estão a ser reconhecidas e atendidas enquanto simultaneamente a dinâmica relacional do “nós” não se perde e nenhuma das necessidades se sobrepõe à outra:

Para que exista ali um equilíbrio saudável e que ambas as pessoas percebam que, se naquele momento, por esta ou por aquela razão, é um momento pessoal de outra pessoa, eu tenho de aceitá-lo e, naquele momento, eu fico no meu. Não vou procurar o momento dos dois, quando ela está a viver o momento dela. (Augusto/M/CF).

Por sua vez, é nesses momentos individuais que os participantes referem que experienciam **Manifestações de Autonomia** (9/16) conseguidos através da vivência de experiências em que se praticam atividades de forma independente, em que existe uma percepção de uma autonomia financeira ou em que cada um tem os seus hobbies, rede social de amigos e eventos: “*eu já fui a concertos sozinha, já fui ao cinema sozinha, ao teatro sozinha, a espetáculos de teatro.*” (Cátia/F/CF)

A possibilidade de ser-se autónomo contribui também para a percepção de que é possível para os participantes manifestarem-se de forma verdadeira e transparente, sentindo-se seguros na sua **Autenticidade** na presença do parceiro e na reparceria. À sensação de **Autenticidade** os participantes associam à possível de existir **Genuinidade** (10/21), isto é, um espaço de intimidade onde é possível para os participantes serem iguais a eles próprios, honestamente e

inteiramente: *“Ser igual a mim próprio, manter os meus princípios, os meus valores, éticos e morais em todas as ações que faço”* (Augusto/M/CF);

Para uma experiência de **Genuinidade** e **Autenticidade** os participantes realçam que é importante que perceção a intimidade e as relações de reparceria como algo em que *“há três esferas, um eu, um tu e um nós”* (Maria/F/SF) e em que *“a outra pessoa tem simplesmente de compreender que vocês não são um, ou seja, vocês podem ter momentos em que se calhar o são, mas que vocês são duas pessoas individuais.”* (Júlia/F/CF). Através das citações de ambas as participantes, percebemos que ser-se autêntico pressupõe que exista **Diferenciação no Casal** (7/8), isto é haver uma clara distinção entre as 3 esferas do – “eu, tu e nós” que se relacionam mas que não devem ser nem fusionais, nem completamente separadas.

Por fim, o universo que compreende a **Autenticidade** e a **Autonomia** necessita, para uma manutenção da **Diferenciação no Casal** de um **Espaço Pessoal** onde cada um é livre e **Privacidade**. Assim, as pessoas entrevistadas fazem referência a uma dimensão muito individual de algo que é vivido e experienciado de forma solitária através de um **Espaço Exclusivo ao “Eu”** (13/23), ou de um local em que se guarda o que é exclusivo da pessoa: *“É bom também ter um espaço em que poderá haver uma outra coisa que a pessoa pode guardar para si.”* (Caetana/F/SF). No entanto, este **Espaço Exclusivo ao “Eu”** só se desenvolve através de experiências e **Momentos do “Eu”** (8/12) em que os participantes fazem referência a experiências e vivências que devem ser vividas e guardas exclusivamente com e para o seu próprio *self*:

Há coisas que se guardam para nós mesmos. Às vezes tens momentos que tu queres ter só para ti mesmo. Ver um pôr do sol. E podes pensar, vou tirar uma fotografia para partilhar no Instagram. Ou podes só guardar aquele pôr do sol para ti. Portanto, a privacidade é essencial. (Paulo/M/SF)

Para além das dimensões mencionadas que fazem parte do MSI proposto por Ferreira e colaboradoras (2013), alguns participantes mencionaram uma **Nova Dimensão de Intimidade**, a **Vulnerabilidade** (5/10), que aparenta estar relacionada com a dimensão da **Autenticidade**, uma vez que remete para a disposição de se exporem emocionalmente, revelando-se autenticamente e sem defesas, mesmo na presença de medos e/ou inseguranças, foi uma subcategoria *in vivo* que os participantes realçaram como algo que é importante para a intimidade: *“Lá está, a vulnerabilidade. Dentro dessas dimensões, acho que é, tipo, mesmo muito importante”* (Raquel/F/SF).

No contexto de uma relação íntima de reparceria e neste caso no estabelecimento e vivência da **Intimidade** as pessoas participantes mencionaram aspetos que potencialmente poderiam ser percebidos como **Fatores Protetores** (8/20) uma vez que, contribuem e promovem uma maior conexão emocional e para a percepção de uma relação mais íntima, saudável e satisfeita. Primeiramente a **Validação** (5/9) realçada pelas pessoas entrevistadas como protetora da intimidade, uma vez que faz referência ao ato de reconhecer e “abraçar” os sentimentos, pensamentos, experiências e perspectivas de outra pessoa de forma genuína e respeitosa. Desta forma, relaciona-se como uma ferramenta que pode ser percebida como uma forma de demonstrar **Compreensão** e de assim contribuir para a uma maior sensação de **Autenticidade**, **Confiança** e **Partilha**, uma vez que existe uma aceitação e empatia em relação ao que está a ser vivenciado: “...é bonito e aí, se calhar, são momentos onde eu sinto que tenho mesmo valor quando partilho os podres e as pessoas reagem positivamente...tipo a sério que não mereço ser odiado por isto?” (Paulo/M/SF). A estas reações positivas, como explica o participante, surge uma sensação de conforto que a **Validação** (5/9) proporciona. Contudo, para assumir uma postura válida e para proteger a intimidade, o processo de transmitir informações, ideias, sentimentos e significados entre o casal, o que envolve uma troca mútua que é fundamental para um entendimento mútuo, para a interação e para uma experiência de partilha, realça como a **Comunicação** (4/7) pode fazer da intimidade uma zona segura:

(...) em casal acho que é a comunicação (...) um bocado para perceber o que é que se está a sentir, o que é que não se está a sentir e pôr um bocado esse escudo de vamos parar de assumir coisas ou assim e simplesmente falar sobre tudo (Jorge/M/SF).

Deste modo, este participante expressa que ao invés de se assumir o que o outro sente ou pensa, se deve procurar comunicar e falar sobre tudo o que poderá estar a ser vivido e menciona como esta comunicação pode ser um “escudo” (Jorge/M/SF) que protege o casal. Simultaneamente, valoriza-se como promotor de proteção à **Intimidade** um certo nível de **Respeito** (3/4), considerado por algumas pessoas entrevistadas como elemento basilar de qualquer relação e das dimensões já mencionadas: *o respeito leva a todos esses níveis. “(...) é das coisas mais importantes que eu valorizo mais.”* (Raquel/F/SF)

Por outro lado, surgem situações que podem ameaçar a construção de uma intimidade satisfeita que por isso identificam-se para as pessoas entrevistadas como **Fatores de Risco** (6/10) da **Intimidade**. Por exemplo na presença de elementos que fazem com que a comunicação seja caracterizada como pobre, em que existe a percepção de que não se está a ser

ouvido: “o não parar e ouvir a outra pessoa” (Gabriela/F/CF), em que existem faltas de respeito: “quando já começa a ser muita falta de respeito” (Leonor/F/SF), a percepção de uma comunicação em que a finalidade não é comunicar de forma ativa e refletida: “acaba por se tornar mais complicado de gerir e de comunicar ao assumir coisas e não comunicar” (Jorge/M/SF), realça como a percepção de **Barreiras na Comunicação** (4/7) são percecionadas como elementos desorganizadores e por isso ameaçadores da **Intimidade**. Para além disso, associado à fragilidade da **Confiança** nas **Reparcerias** a **Dificuldade em Confiar** como **Fator de Risco** sugere que a “falta de confiança” (Leonor/F/SF) pode colocar em risco a **Intimidade**, uma vez que a possibilidade de não acreditar ou hesitar em acreditar nas palavras, ações ou intenções de outras pessoas pode desafiar o estabelecimento de relacionamentos íntimos e autênticos, criando distanciamento emocional.

Ao refletir-se sobre a **Intimidade** na reparceria, algumas pessoas participantes distinguiram duas **Formas de Intimidade**. Primeiramente os participantes referem uma **Intimidade Sexual** (5/9), que remete para uma conexão íntima e física que num relacionamento romântico ou sexual e envolve uma entrega e a expressão e a partilha de desejo, prazer e afeto através de atividades sexuais consensuais:

Uma intimidade muito mais virada para a sexualidade, que envolve tudo o que seja, relações sexuais, o próprio antes e depois (...) portanto, não só o ato em si, mas todo o processo de entregar o corpo, entre aspas, a outra pessoa, e toda a exposição que isso envolve. (Maria/F/SF).

De seguida, ao participantes fazem referência a uma **Intimidade Emocional** (4/8) que diz respeito à conexão emocional profunda e íntima que envolve compartilhar sentimentos, pensamentos, experiências pessoais, medos, sonhos e desejos, realçando a possibilidade de existir **Autenticidade** e **Vulnerabilidade**. Assim, a intimidade emocional aparenta ser construída através da **Confiança** e da **Compreensão**, que possibilitam uma maior sensação de um “nós”:

A outra intimidade (...) é muito uma esfera que criamos entre os dois, uma espécie de osmose, estás a ver, entre um e outro, que com o conhecimento entre aquilo que são os defeitos e as qualidades, por outro lado, nos permite pensar e agir como um nós (Romeu/M/CF).

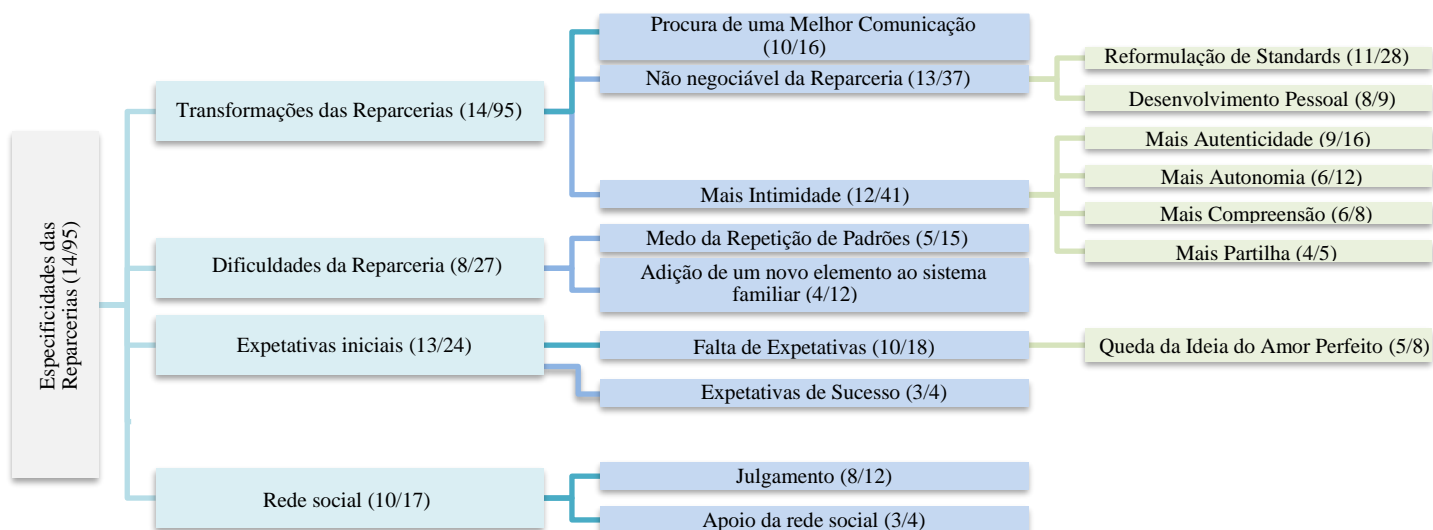
Por último, a **Importância da Comunicação** (12/26) surge como uma categoria que aparenta estar interligada a muitas das categorias e subcategorias que foram descritas ao longo desta análise, quase como se fosse o pano de fundo que une várias **Dimensões MSI** (2013). Este pano de fundo e motor de muitas dimensões ao ser percecionado como positivo e honesta é considerado um possível **Fator Protetor** e por sua vez quando empobrecido passa a ser considerado como **Fator de Risco**, uma vez que, assume na sua relação com a intimidade, para os participantes um “...*papel-chefe. O papel-chefe é que se não tiveres comunicação, não há intimidade.*” (Leonor/F/SF). Quando se diz que a comunicação pode assumir um papel de chefia na intimidade, como foi expresso no excerto anterior, atribui-se à comunicação um papel central e de liderança na construção e manutenção de um relacionamento íntimo e saudável. Nesse contexto, a comunicação assume-se como um elemento fundamental para o estabelecimento de uma conexão profunda uma vez que permite que as pessoas entrevistadas expressem as suas necessidades, desejos, preocupações e emoções de maneira clara e eficaz:(..) *toda essa parte da intimidade emocional expandiu enormemente por causa da comunicação*” (Maria/F/SF); e permite também que se estabeleçam limites e barreiras: “*É sempre importante haver comunicação, no sentido de logo, à partida, de colocar os limites de tudo aquilo que temos intenção de encontrar e de procurar junto a outra pessoa* (Augusto/M/CF).

Especificidades das Reparcerias

Segundo as pessoas participantes existem processos identificados pelos próprios como singulares e únicos à formação e manutenção de uma reparceria. As **Especificidades das Reparcerias** (14/163) envolvem por isso transformações e dificuldades únicas a este formato relacional, da mesma forma que faz referência às expetativas e apoio ou falta dele sentido pelas pessoas participantes (Figura 3).

Figura 3

Mapa Representativo do tema Especificidades das Reparcerias e as categorias e subcategorias que os compõem



Algo que as pessoas entrevistadas mencionam como específico às reparcerias diz respeito a aspetos que foram adquiridos exclusivamente aquando da entrada na reparceria, ou seja, processos que conferem à reparceria características únicas sentidas pelos participantes como exclusivas a este processo singular e que são vistas como **Transformações na Reparceria** (14/95). Como força intrusiva destas transformações aparentam estar fundamentos que dizem respeito há importância que os participantes dão ao facto da reparceria ter necessariamente de ser percecionada como uma relação diferente daquela que viveram anteriormente, que remete para a ideia de que a experiência anterior não pode ser repetida. Dessa forma, surge nas reparcerias algo **Não Negociável da Reparceria** (13/37) associado a crenças face à impossibilidade expressa no desejado de não repetir experiências prévias *“O que eu pensava na minha cabeça era eu só não quero apanhar alguém igual àquela pessoa que eu tive antes”* (Isabel/ F/SF) que torna evidente, neste excerto, que não é negociável estar com alguém que se aproxime, em termos de semelhanças, à pessoa com quem esteve na relação anterior. Deste modo, esta característica aparentemente única da reparceria aparenta ter origem numa **Reformulação de Standards** (11/28) sobre aspetos que cada participante considera crucial que sejam diferentes das suas experiências anteriores. Isto significa que os participantes relatam que, através de um processo de aprendizagem com a relação anterior, há certos parâmetros e condições que passam a ser reformulados e procurados aquando da reparceria: *“Sim, normalmente é sempre isso. Uma pessoa vai sempre ao encontro de uma pessoa que tem alguns requisitos que a outra pessoa não teria. Uma pessoa vai sempre à procura de coisas*

um bocadinho diferentes.” (Caetana/F/SF). A esta **Reformulação de Standards**, que dá origem à percepção dos participantes de algo que não é negociável na reparceria, acresce-se a atribuição dos participantes a um **Desenvolvimento Pessoal** (8/9), subcategoria criada *in vivo*, que remete para a ideia dos participantes que para perceberem o que não queriam repetir tiveram que crescer, recorrer a movimentos de autoconhecimento e maturidade do *self*: “*O fator que também vem como motivador dessa evolução é essa questão do desenvolvimento pessoal e individual*” (8/9).

Para além disso, as pessoas participantes referem que existem transformações que vão ao encontro de percepção de **Mais Intimidade** (12/41) nas reparcerias, quando comparado com as suas relações anteriores. Quer isto dizer que uma das transformações que os participantes percebem e assinalam como característica das reparcerias é a existência de maior prevalência de algumas das dimensões que previamente associaram à Intimidade. Assim, os participantes identificam e experienciam nas suas reparcerias **Mais Autenticidade** (9/16), como é descrito pelo seguinte excerto, aquando de um momento em que a participante falava da sua relação: “*eu restringia-me de sentir e depois às vezes mostrava como é que me estava a sentir e diziam que eu era maluca, cortava-me imenso asas para mostrar o que é que eu estava a sentir...não era autêntica.*” (Rosa/F/SF). Adicionalmente, **Mais Autonomia** (6/12):

E cheguei a ter um episódio bastante estranho, na minha relação anterior, foi ali um conflito enorme. Tive um curto-circuito (...) Eu estava preso entre querer ficar com ela e ir para casa, porque, de um lado, não apetecia ficar com ela, apetecia ir para casa. Por outro lado, parecia que não conseguia ir para casa. Quase uma coisa...borderline, na medida em que (...) não apetece agora estar contigo, apetece-me estar sozinho, mas quase que não conseguia. (...) Eu estava só... mesmo bloqueado. Portanto, sim, na outra relação era menor autonomia. (Paulo/M/SF).

De seguida, **Mais Compreensão** (6/8): “*comparando com a relação anterior acaba por haver esta diferença do parar e ouvir em vez de começar logo a argumentar ou a defendermos ou qualquer coisa...*” (Jorge/M/SF) e por último **Mais Partilha** (4/5) como se torna explícito através do seguinte excerto-exemplo onde a participante compara as suas partilhas nas relações anteriores em comparação com a atual: “*é uma coisa que eu não conseguia fazer no passado com as pessoas porque não se interessavam e não queriam saber*” (Rosa/F/SF).

De igual forma, as pessoas participantes revelaram ser característico das **Reparcerias** e das suas transformações uma **Procura por uma Melhor Comunicação** (10/16) nestes

relacionamentos. Esta procura expressa o desejo de uma melhoria na qualidade e na quantidade de trocas verbais e não verbais, o que pode incluir uma expressão de forma mais clara e assertiva de opiniões, desejos e necessidades, assim como uma maior disposição a ouvir ativamente o parceiro e a compreender suas perspectivas e emoções: *“Agora, na relação atual, tenho uma comunicação mais aberta sobre os assuntos todos, desde os mais difíceis aos mais fáceis, e tento explicar mesmo os pontos antes de começar num modo defensivo”* (Jorge/M/SF).

Associado também às especificidades das reparcerias encontra-se a percepção demonstrada pelas pessoas participantes para a existência de desafios e obstáculos sentidos ao longo das suas relações atuais. Deste modo, as **Dificuldades das Reparcerias** (10/31) que as pessoas entrevistadas mencionaram estão maioritariamente relacionadas com um **Medo da Repetição de Padrões** (5/15) e com a **Adição de um Novo Elemento ao Sistema Familiar** (4/12). No que diz respeito ao primeiro, o medo que as pessoas participantes referem aparenta fazer referência a uma insegurança face à possibilidade de vir a experienciar situações semelhantes a algumas vividas no parceiro, experiências essas que as pessoas participantes não querem voltar a viver:

Na minha relação anterior, nunca houve motivos para desconfianças, mas, por exemplo, havia coisas que não eram contadas e que eu vim a saber só depois de terminar a relação e que às vezes...tipo, ok, mas será que a outra pessoa também, não me conta algumas coisas? Será que por muito que eu confie...acabo sempre por comparar um bocadinho...porque tenho sempre medo que aconteça, porque eu também confiava na outra pessoa... (Raquel/F/SF).

Por outro lado, outra das a **Adição de um Novo Elemento ao Sistema Familiar** (4/12), surge como uma das dificuldades mencionadas principalmente pelas pessoas participantes com filhos uma vez que apenas foi expressa uma vez por participantes que não têm filhos, que diz respeito aos desafios percecionados pelos participantes aquando da entrada do seu novo parceiro nas rotinas e rituais do sistema familiar:

O mais difícil é sempre o introduzi-la cá em casa, o trazê-la às primeiras vezes cá em casa, as expetativas se criam em relação à aceitação da minha filha para com essa pessoa cá em casa, o perceber que ela vai ocupar um espaço que é, de alguma forma, um espaço que é partilhado pela minha família e ela vai ser mais uma pessoa, portanto, de alguma maneira vai roubar espaço, vai haver aqui a necessidade de uma parceria nova em que há vantagens

e desvantagens...e a maior dificuldade é sempre tentar aperceber-me dessas desvantagens, se possível de forma proativa, não esperar que elas aconteçam para depois tomar uma decisão, conseguir antecipá-las e falar com a minha filha e falar com todos (Augusto/M/CF).

Adicionalmente, as pessoas entrevistadas referem como particularidade da reparceria, mais especificamente aquando do início das suas relações algumas crenças, esperanças ou previsões que têm em relação à trajetória das suas relação, isto é a **Expetativas iniciais** (13/24) que se encontram mais relacionadas como uma demonstração por parte das pessoas participantes de uma **Falta de Expetativas** (10/18) quando comparada com a possibilidade de existirem **Expetativas de Sucesso** (3/4). Em justaposição, as pessoas participantes, provavelmente devido a um reenquadramento que ajusta as suas expetativas iniciais às experiências relacionais passadas, as mesmas demonstravam no início da relação uma perceção individual de baixas ou nenhuma esperanças face ao futuro da reparceria: *“Não tinha expetativas e eu acho que o segredo é esse. É viver um dia de cada vez e sem imaginar futuros. Sem sofrer por antecipação face a uma possível perda da pessoa que está agora na nossa vida.”* (Gabriela/ F/CF). A esta ideia, de que é melhor recolocar as crenças individuais face ao sucesso da reparceria numa posição baixa ou nula, surge associada a **Queda da Ideia do Amor Perfeito** (5/8), que contribui para uma falta de expetativas de sucesso uma vez que remete para o término de uma ideia de que os relacionamentos duram para sempre e que as pessoas vivem relacionamentos em que não há defeitos, nem desafios. Essa ideia parece terminar quando acabam as relações prévias à reparceria, como podemos verificar nos seguintes excertos: *“porque eu quando casei com a minha ex-mulher era aquela ideia romântica do casamento para a vida toda, enfim, não é?”* (Mauro/M/CF);

(...) por mais que eu agora esteja muito satisfeita com a relação que tenho não quer dizer que esta relação não se altere no futuro. Claro...uma quebra de confiança ou pode haver alguma questão de respeito que de repente aconteça (...) nós não sabemos e não depende só de nós. Eu nunca posso dizer agora é que eu encontrei a relação perfeita. O que é isso da relação perfeita? Não sabemos o que é. Porque as pessoas são todas diferentes. O parceiro que eu escolhi atualmente estou feliz com ele, mas eu não conheço todo o tipo de pessoas, nem vivenciei todo o tipo de relação. Não sei se esta é perfeita. Eu estou feliz com ela, mas não sei se esta é perfeita.” (Gabriela/F/CF).

Contudo, alguns participantes mencionaram também a existência de **Expetativas de Sucesso**, face às suas **Expetativas iniciais**, ilustrado pelos seguintes dois exemplos: *“Achava que ia dar certo, por causa de ter aquelas características que eu achava que eram importantes.”* (Isabel/F/SF); *“Olha, eu tinha muita esperança que corresse muito bem, porque eu gostava muito dele como pessoa, não como companheiro ainda ou namorado, mas como pessoa gostava muito dele”* (Júlia/F/CF). Ambas as participantes explicitam que tinham **Expetativas de Sucesso** face ao início da relação, uma vez que reconheciam que achavam que a relação tinha tudo para correr da melhor forma, por percecionarem nos parceiros(as) características que iam ao encontro das suas necessidades, gostos e/ou valores.

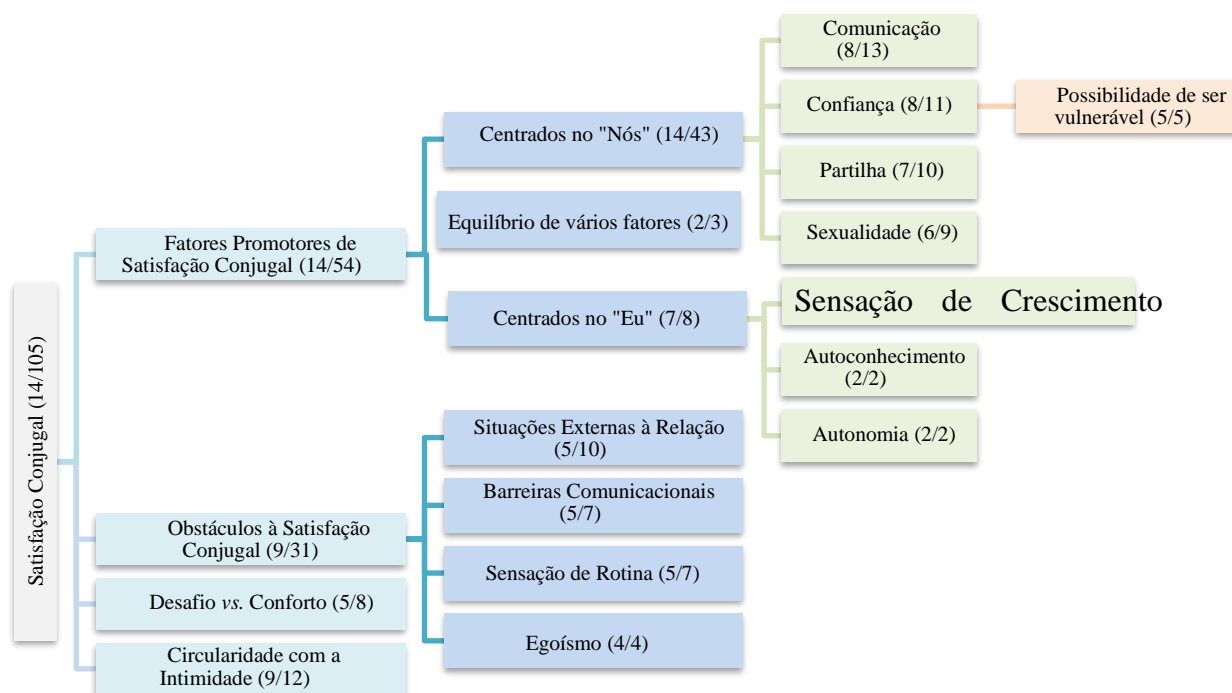
Segundo as pessoas participantes, as opiniões e partilhas das pessoas que lhes são próximas e com quem partilham contextos, i.e., a **Rede Social** (10/17) face ao estabelecimento de uma nova relação após uma separação, divórcio ou viuvez, encontram-se frequentemente associadas a um **Julgamento** (8/12). Destacando-se o preconceito e comentários pejorativos comumente associado a percecionarem que as pessoas participantes ultrapassavam a relação anterior com os ex-companheiros “demasiado” rapidamente: *“E elas diziam, ah, não sei o quê, já ultrapassou e agora já está noutra.”* (Leonor/F/SF). Para além disto, surgem também alguns comentários pejorativos e a algum preconceito face a diferenças de idades entre os membros da díade: *“E eu sinto que as pessoas olham e tal, e de alguma maneira devem comentar...Ah, ele é bem mais velho que ela. Ah, ele já é velho, estás a ver? É velho para ela e tal”* (Romeu/M/CF). Contudo, ainda que em menor quantidade alguns participantes realçaram sentir **Apoio da Rede Social** (3/4) que é percecionado por não existir por parte pressão ou expetativas elevadas por parte da **Rede Social**, mas sim reforço positivo: *“quando eu comecei a anunciar que estava a conhecer uma nova pessoa, senti bastante apoio”* (Mauro/M/CF)

Satisfação Conjugal

Associada à **Satisfação Conjugal** (14/105), que diz respeito à perceção de qualidade atribuída a um relacionamento, nesta caso às reparcerias, as pessoas entrevistadas referem os principais obstáculos e promotores de uma relação satisfeita, sendo que para além disso, os mesmos tentam estabelecer uma relação entre a intimidade e a satisfação conjugal nas reparcerias, começando por atribuir à satisfação conjugal um processo dinâmico aparentemente ambivalente, mas profundamente complementar (**Desafio vs Conforto**).

Figura 4

Mapa representativo do tema *Satisfação Conjugal* e as categorias e subcategorias que o compõem



Como elementos que contribuem para uma maior perceção de bem-estar e felicidade num relacionamento, as pessoas participantes caracterizam alguns **Fatores Promotores de Satisfação Conjugal** (14/54) que podem ser mais **Centrados no "Nós"** (14/43), ou seja, naquilo que o casal promove e ao que recorre para uma perceção de uma melhor satisfação conjugal na reparceria ou mais **Centrados no "Eu"** (7/8) que envolve elementos mais individuais e associados ao *self* que promovem esta perceção satisfatória com a reparceria. Quando os participantes mencionam os Fatores mais **Centrados no "Nós"**, esta categoria desdobra-se em quatro subcategorias. Em primeiro lugar, a **Comunicação** (8/13), isto é, a habilidade de se expressarem abertamente, ouvir ativamente e resolverem conflitos de maneira construtiva promove a perceção de satisfação conjugal: *"A capacidade de resolução de problemas e stress no relacionamento. Que se chega lá com a comunicação."* (Isabel/F/SF). De seguida, a **Confiança** (8/11), uma vez que desempenha um papel fundamental na construção de intimidade, da segurança e de bem-estar emocional: *"Sentir ali uma segurança, um apoio, e com esse apoio, com essa segurança tu és capaz de abrir, de falar-te as coisas mais difíceis, coisas que não consegues falar com ninguém, com essa pessoa tu consegues falar e consegues ultrapassar esses obstáculos."* (Júlia/F/CF). Desta forma, como é descrito pela participante a sensação de apoio e segurança descrita promove a **Possibilidade de Ser**

Vulnerável (5/5), uma vez que permite que os participantes percecionem uma sensação de conforto para compartilhar os seus pensamentos, sentimentos e vulnerabilidades sem medo de serem julgados ou rejeitados: *“parece um bocado o objetivo de uma relação, para mim pelo menos que é ter alguém que nos perceba...ter alguém que veja esse lado de nós.”* (Jorge/M/SF). Em terceiro lugar, a **Partilha** (7/10), que envolve o compartilhar de experiências, responsabilidades, interesses e atividades e que mostra que a percepção dos participantes é que ao se envolverem numa partilha significativa, pode existir um aumento de proximidade emocional, um fortalecimento do vínculo e uma maior percepção de satisfação no relacionamento. O seguinte excerto, onde uma participante explicava o que promove a satisfação conjugal na reparceria, é representativo desta categoria: *“Toda a partilha, a conversa, os gostos, adoramos os dois música, poder partilhar momentos, para ir ao teatro, para conversar, para partilhar, estar juntos.”* (Gabriela/F/CF). E por último, a **Sexualidade** (6/9) é uma forma de conexão física e emocional entre a díade que envolve manifestações de afeto, o desejo e a frequência de atividade sexual e quando há uma percepção de uma **Sexualidade** saudável e satisfatória no relacionamento, isso pode promover a satisfação e o bem-estar do casal: *“uma das coisas que é muito importante também, quer queiramos, quer não, pronto, é a parte sexual.”* (Cátia/F/CF)

Por outro lado, quando alguns participantes referem elementos mais **“Centrados no “Eu”** como **Fatores Promotores de Satisfação Conjugal** mencionam, uma percepção de uma **Sensação de Crescimento Pessoal** (4/4) que ocorre quando os participantes têm a percepção que existe uma oportunidade de crescer e de se desenvolverem ao alcançarem objetivos pessoais, viverem novas experiências e ao compartilharem gostos e aprendizagens, já adquiridas ou novas: *“Ter espaço de crescimento, enquanto pessoa e poder ter espaço para mudar ideias e experimentar coisas diferentes.”* (Isabel/F/SF). Além disso, as pessoas participantes mencionam o **Autoconhecimento** (2/2) e a *“a procura do conhecimento próprio”* (Mauro/M/CF) quando existem um bom nível de autoconhecimento, ou quando os participantes procuram compreender os seus próprios pensamentos, emoções, necessidades, valores e padrões de comportamento, isso pode ter vários efeitos positivos no relacionamento: *“Tem muito a ver também com o autoconhecimento e as pessoas terem noção do que é que poderão mudar, o que é que poderão alterar, o que é que poderão melhorar.”* (Caetana/F/SF). Por último, a **Autonomia** (2/2) e o *“incentivo à autonomia”* (Rosa/F/SF) é percecionado por alguns participantes como uma competência que promove a **Satisfação Conjugal** uma vez que se refere à capacidade de cada pessoa tomar decisões, agir e procurar os seus próprios interesses, necessidades e metas individuais dentro do relacionamento e por isso o incentivo à

autonomia que envolve encorajar e apoiar o parceiro nas suas escolhas e atividades individuais, pode promover uma maior percepção de bem-estar e satisfação na relação, bem como uma **Sensação de Crescimento Pessoal**.

Por outro lado, alguns participantes referem que os **Fatores Promotores de Satisfação** não passam de um **Equilíbrio de Vários Fatores** (2/3) uma vez que para estes não existe uma dimensão que assuma um papel mais essencial que outra, mas sim uma harmonia entre vários fatores envolvidos na **Intimidade** na reparceria: *“é um equilíbrio de tudo, no fundo. Não acho que haja uma coisa que... não é a parte sexual que pesa mais do que a parte da confiança, do respeito, não...”* (Cátia/F/CF).

Em oposição, os participantes mencionam quatro subcategorias que percecionam como **Obstáculos à Satisfação Conjugal** (9/31), ou seja, que colocam em risco ou prejudicam o nível de satisfação percecionado num relacionamento. Isso engloba ações, comportamentos ou circunstâncias que têm o potencial de diminuir a qualidade, a felicidade e a satisfação geral que os participantes experienciam nas suas reparcerias, como **Eventos Externos à Relação** (5/10) como por exemplo o excesso de trabalho e de compromissos relacionados com o mesmo, situações externas desafiantes que podem acontecer ao longo da vida, uma má relação com as redes sociais do parceiro ou situações adversas que ocorrem com elementos do círculo social (i.e., amigos, família): *“O trabalho é um obstáculo à satisfação.”* (Augusto/M/CF); *“(...)coisas que podem acontecer ao longo da vida, que podem influenciar, não diretamente da relação, mas coisas externas”* (Rosa/F/SF). Para além disso, as pessoas participantes mencionam a percepção da existência de **Barreiras na Comunicação** (5/7) como: *“Não saber comunicar”* (Isabel/F/SF); a *“falta de respeito”* (Júlia/F/CF), a existência de *“conflitos de valores, ou de interesses, ou de objetivos”* (Maria/F/SF), que potenciam comunicação inadequada ou problemática pode levar a uma série de problemas no relacionamento que contribuem para uma maior percepção de insatisfação e o distanciamento entre a díade. Complementarmente, a percepção de um conformismo devido a uma **Sensação de Rotina** (5/7), onde não há evolução e a relação estagna e à uma percepção de que há ausência de novidade e criatividade: *“A rotina vista de uma forma negativa, a rotina no sentido em que a pessoa entra numa espiral, não sai de lá e não saindo de lá a relação não evolui. A relação depois anda ali, à volta, quase que se eu estivesse a jogar ali no monopólio”* (Augusto/M/CF). Por último, uma percepção de **Egoísmo** (4/4) por parte de um dos membros da díade como, *“uma das coisas que não poderá ajudar”* (Caetana/F/SF) uma vez que dessa forma não há procura por considerar as necessidades do parceiro e por sua vez deixa de existir *“espírito de equipa”* (Isabel/F/SF).

Para além dos **Fatores Promotores de Satisfação** e os **Obstáculos à Satisfação Conjugal**, que delimitam os contornos da percepção de **Satisfação Conjugal** nas **Reparcerias**, alguns participantes parecem considerar que esta mesma Satisfação envolve uma dinâmica interativa entre uma percepção de **Desafio versus Conforto** (5/8) ou seja que pressupõe “*um espaço de conforto mas que também nos tira da zona de conforto*” (Rosa/F/SF). Esta percepção refere-se à sensação de enfrentar desafios individuais ou de casal e superá-los com o apoio da díade, ao mesmo tempo em que existe uma sensação de apoiado, confortados e seguros um com o outro. Para além disso, sendo que a **Intimidade** pode pressupor também uma dimensão associada à **Vulnerabilidade**, é necessário para haver uma maior percepção de satisfação que os participantes se sintam confortáveis uma vez que a **Vulnerabilidade** em conjunto com todas as **Dimensões do MSI (2013)** também envolve desafio e desconforto por se estar exposto ao outro emocionalmente:

“Sinto que tenho agora uma pessoa ao lado que também me impulsiona muito para eu me desafiar, para eu chegar mais longe, para eu fazer coisas que se calhar eu tinha imenso medo de fazer e ele é aquele empurrão inicial” (Maria/F/SF)

Por último, os participantes atribuem à **Satisfação Conjugal** uma categoria que diz respeito à relação que estabelece com a intimidade, sendo que os mesmos percecionam que existe uma **Circularidade com a Intimidade** (9/12), que pode ser descrita como uma dinâmica em que as interações ocorrem em formato de ciclo contínuo, sendo que as dimensões de um conceito são influenciadas pelas do outro, formando um ciclo de interação. Assim, estes conceitos parecem, na percepção dos participantes, influenciar-se mutuamente e estar em constante interação, em que uma não existe sem a outra:

É uma pescadinha de rabo na boca. (...) se a intimidade for o mais possível ao encontro dos nossos desejos, a satisfação conjugal é maior. Se a satisfação conjugal for maior, mais facilmente nós vamos conseguir atingir mais altos níveis de intimidade entre o casal. (Augusto/M/CF)

Discussão

Esta investigação concentrou-se na compreensão dos processos, padrões e dinâmicas identificados pelas pessoas de casais em reparceria em relação às suas experiências de intimidade. O objetivo principal deste estudo foi investigar de que forma os construtos de

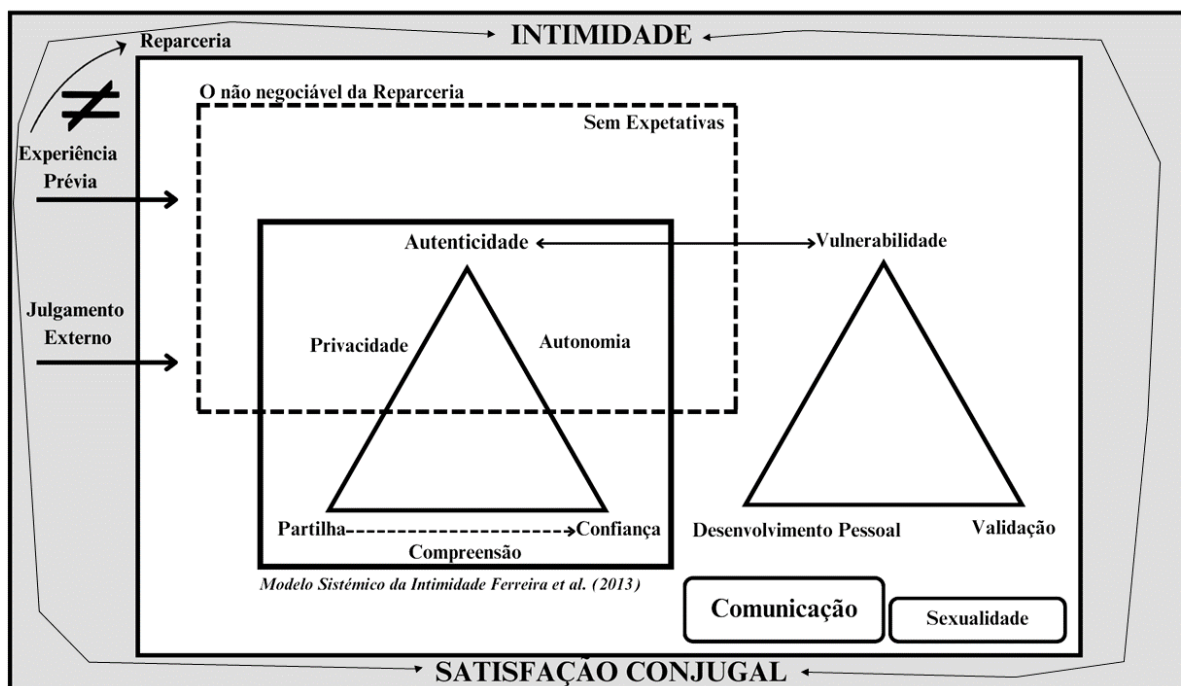
intimidade, propostos por Ferreira e colaboradoras (2013), são vivenciados nesse contexto específico, ao mesmo tempo que se explorou a interligação desses construtos com a avaliação subjetiva da satisfação conjugal de cada casal.

Com base nos objetivos delineados, esta investigação procurou responder também a uma série de perguntas de investigação, mencionadas previamente, que possibilitassem a exploração da experiência individual de pessoas de casais em reparceria em relação à intimidade e compreender os fatores de risco e proteção percebidos como envolvidos no desenvolvimento da intimidade desse tipo de relacionamento. As perguntas abordaram as suas vivências únicas, expectativas durante o processo de formação da reparceria, aspetos-chave que caracterizam a intimidade, a experiência e valorização de elementos como autenticidade, autonomia, partilha, privacidade, compreensão e confiança, i.e., dimensões do MSI (Ferreira et al., 2013), transformações ocorridas na intimidade em comparação com relacionamentos anteriores, dimensões associadas à intimidade que influenciam a satisfação conjugal, entre outros aspetos relevantes.

Da análise de resultados, surgiram três temas principais, Intimidade, Especificidades das Reparcerias e Satisfação Conjugal. À semelhança de outros formatos de relação, a intimidade continua a ser um aspeto fundamental para a perceção de qualidade de qualquer relação romântica (Narciso & Ribeiro, 2009), onde se incluiu a reparceria, sendo que ambos os conceitos aparentaram, na perspetiva dos participantes, estabelecer uma relação de circularidade, em que mais intimidade é percecionada como associada a maior satisfação conjugal e vice-versa (Figura 5).

Figura 5

Mapa da relação entre algumas categorias e subcategorias



No que diz respeito às vivências únicas que emergiram nas entrevistas sobre a reparceria, i.e., à primeira questão de investigação, estas foram associadas à percepção da existência de dificuldades e desafios percebidos como produto, principalmente, de um medo dos participantes em repetir padrões, ou seja, ao receio de vivenciar situações ou comportamentos semelhantes aos que ocorreram em relacionamentos anteriores, os quais foram considerados negativos ou problemáticos. Tashiro e Frazier (2003) afirmam que é importante para as pessoas corrigir comportamentos de um relacionamento para o próximo e procurar estes comportamentos no próximo parceiro. Contudo, as percepções do que foi considerado como negativo num relacionamento anterior dependem das atribuições que emparelham com determinado comportamento. Assim, este receio característico da reparceria, de experienciar algo que se gostaria de se transformar ou corrigir, pode ser principalmente desafiante se as pessoas não procurarem conhecer os fatores que promoveram a deterioração da relação anterior, uma vez que esta identificação é um dos primeiros passos para o término poder ser percebido como uma aprendizagem (Tashiro & Frazier, 2013). Para além disso, Dupuis (2007) refere que existe nas reparcerias uma pressão complementar de encontrar na nova relação um triunfo *depois de uma relação "falhada"* (Dupuis, 2007, p. 93), o que realça que

existe a necessidade de mostrar que existe uma capacidade intrínseca de estar e manter uma relação, o que parece aumentar os níveis de ansiedade característicos desta fase de mudança.

Além disso, às dificuldades percebidas por alguns participantes acrescem os desafios encontrados em integrar o novo parceiro no sistema familiar de origem. Sabendo que os sistemas tendem a organizar-se em função da sua homeostase e, assim, procurar atingir o equilíbrio, a entrada de um novo elemento no sistema familiar desorganiza a estrutura familiar e as interações que lhe são únicas (Alarcão, 2006). A pressão para o casal mostra-se clara considerando a falta de normas no que diz respeito aos papéis que cada membro do casal deve desempenhar, a acrescentar à falta de apoio e estigma face a famílias reconstituídas, sendo estes aspetos contribuidores para mais elevados de *stress*, procura de soluções desajustadas e, no caso de famílias reconstituídas com uma díada recasada, taxas mais elevadas de divórcio (Ganong & Coleman, 2004).

Face à segunda questão de investigação – quais são as principais expectativas que estão envolvidas no processo de formação de uma relação de reparceria? – os participantes referiram maioritariamente que não tinham expectativas face à relação da reparceria, o que parece surgir associado a uma transformação nas conceções de amor e de um relacionamento que não pode ser perfeito. Esta falta de expectativas pode estar associada à vivência de experiências passadas negativas que fazem com que alguém entre num novo relacionamento com baixas expectativas, como uma forma de autoproteção. Associado também à falta de expectativas pode estar a percepção de que não existe muito apoio externo da rede social para a reparceria, algo que foi evidenciado pelos participantes ao referirem que existia algum julgamento, principalmente no início das suas relações. Este julgamento deve-se a um fator específico associado a desafios às expectativas tradicionais face às diferenças de idade na díade, como um homem mais jovem num relacionamento com uma mulher mais velha, mas surge, principalmente, associado às expectativas pessoais que algumas pessoas têm sobre o tempo necessário para “superar” um relacionamento anterior, ou seja, muitas acreditam que é necessário um período de luto ou um tempo específico para começar novos relacionamentos (Sydner, 1993 citado por Brumbaugh & Fraley, 2015). No entanto, a investigação desenvolvida por Brumbaugh e Fraley (2015) sugere que com a entrada das pessoas em novos relacionamentos podem inclusivamente emergir benefícios, associados a uma maior autoestima e a uma possibilidade de receberem apoio de diferentes redes. Da mesma forma, Locker e colaboradores (2010) realçam que entrar numa nova relação pode ser um preditor de restauração e melhoria após a experiência de um término. Para além disso, os mesmos autores explicitam que a nova relação possivelmente pode

resultar no estabelecimento de um espaço íntimo, havendo maior possibilidade de compartilhar novas atividades e aumentar a rede social (Locker et al., 2010).

No que toca às questões de investigação – que aspetos chave caracterizam a intimidade de um casal em reparceria e como é experienciada e valorizada a autenticidade, a autonomia, a partilha, a privacidade, a compreensão e a confiança, num casal em reparceria o MSI, proposto por Ferreira e colaboradoras (2013), continua a mostrar-se relevante, na medida em que os participantes consideram as dimensões encontradas pelas autores como essenciais para definir intimidade (ver Figura 5). Além das dimensões do MSI, cujas transformações associadas à reparceria serão abordadas posteriormente, os participantes mencionaram a existência de uma nova dimensão, considerada aspeto chave da intimidade: a vulnerabilidade. É nas relações íntimas que o conceito de vulnerabilidade surge exclusivamente como associado à proximidade, em contraste com outros contextos (e.g., saúde) onde é conceptualizado como algo que envolve risco (Aragon et al., 2021). No entanto, algo que esta investigação sugere é que, principalmente para o desenvolvimento de intimidade nas reparcerias, esta dimensão é essencial e também pressupõe um espaço de desafio, na medida em que envolve uma abertura face a medos, segredos, erros cometidos no passado intimamente, relacionada com o estabelecimento de uma zona segura, de apoio, segurança, afeto e validação, que nos torna mais “nus” perante o outro (Tsai, 2016). Possivelmente, a vulnerabilidade na reparceria pode ser considerada um elemento essencial porque é algo vivido pelos participantes ao exporem as suas experiências prévias com os novos parceiros: este “despir” perante o outro está profundamente relacionado com a perceção de que se pode ser autêntico e genuíno (Ferreira et al., 2013). No entanto, a vivência e exposição desta vulnerabilidade característica das reparcerias está associada a um movimento que pressupõe confiança e partilha, uma vez que a vulnerabilidade aparenta estar associada a mais confiança, mais transparência, mais abertura na partilha de segredos e inseguranças (Tsai, 2016). Esta ligação com as dimensões da confiança e da partilha pode também realçar a importância da vulnerabilidade, uma vez que a população desta amostra mostrou que a confiança era a dimensão do MSI (Ferreira et al. 2013) que chegava à reparceria em défice, devido principalmente à bagagem emocional com que cada pessoa chega a uma nova relação. Desta forma, algo que foi considerado pelos participantes como promotor de confiança aparentava estar relacionado com uma maior procura de comunicação, face ao passado e às experiências vividas e a uma maior transparência face a emoções, pensamentos e inseguranças. A par disso, destacou-se também a perceção da uma diferenciação do *self* que como condição necessária para separar o passado do presente e para promover uma reflexão sobre aquilo que se procura numa relação íntima e, especificamente, numa nova relação,

promovendo movimentos de autoconhecimento e de autorreflexão. Deste modo, a valorização da vulnerabilidade como uma nova dimensão da intimidade vai ao encontro da possibilidade que advém desse movimento estar associado a uma maior percepção de crescimento pessoal e relacional (Aragon, 2021). Associado à expressão de vulnerabilidade, como fator protetor da intimidade na reparceria surge a validação (ver Figura 5). A procura por validação foi retratada como uma necessidade de obter uma confirmação de que o “eu” é amado e verdadeiramente valorizado (Girme & Overall, 2016). Assim, tendo em conta que na reparceria surge uma demarcada dificuldade em confiar, o que requer que existam partilhas íntimas e comunicações genuínas, procurar segurança e apoio durante determinadas interações pode restabelecer a conexão e facilitar a percepção de suporte (Girme & Overall, 2016).

Deste modo, os participantes realçaram que a sua avaliação pessoal e subjetiva da qualidade da sua relação de casal (i.e., percepção de satisfação conjugal) (Narciso & Ribeiro, 2009) assenta na percepção de que existe uma dinâmica relacional de desafio e conforto, o que permite abrir a possibilidade de que para uma maior percepção de satisfação conjugal, as pessoas precisam de um espaço de apoio e validação acolhedor dos momentos desafiantes de partilhas de inseguranças, da mesma forma que a sensação de desafio promove inovação e um espaço para crescimento pessoal na díade.

Mais especificamente nas dimensões do MSI (Ferreira et al., 2013), a percepção de autonomia, a privacidade e a autenticidade surgem como condições necessárias à intimidade na reparceria. Isto é congruente com literatura prévia, na medida em que, numa investigação de Schneller & Arditti (2004), que procurou conhecer as mudanças na intimidade que pessoas divorciados desejavam encontrar em relacionamentos pós-divórcio, concluiu-se que é importante estar numa relação em que exista um respeito pela autonomia de cada pessoa, o que envolve a existência de um espaço pessoal em que é possível seguir interesses pessoais, sonhos individuais e estar envolvido em atividades exclusivas a um elemento da díade. Relativamente às restantes dimensões, a confiança foi, nesta amostra, a dimensão mais mencionada, uma vez que é aquela que, como já foi mencionado anteriormente, chega à relação em défice, o que faz com que esta seja uma dimensão que exige tempo na sua construção e que surge de forma gradual (Kvanli & Jennings, 1987), e é considerada como fator preditor de satisfação conjugal na reparceria e noutros formatos relacionais (Narciso & Ribeiro, 2009). A partilha parece estar relacionada com a confiança, na medida em que a sua ausência percebida está associada a uma dificuldade em verbalizar traumas, inseguranças e vivências do passado que os participantes identificam como “feridas” e que, como tal, exige por parte do outro a capacidade de ser empático e de escutar as necessidades individuais de cada elemento da díade, o que realça a

importância da compreensão na interrelação entre a confiança e a partilha. Além disso, a partilha surge também como uma dimensão da intimidade que desempenha um papel como preditor de satisfação conjugal.

A comunicação surge, nesta amostra, como estando associada a todas estas dimensões e percecionada como elemento basilar da intimidade na reparceria. A importância da comunicação no casal é conhecida e considerada por muitos autores com um fator essencial para a satisfação conjugal e estabilidade (e.g., Gottman, 1999, 2011). Para os participantes, a comunicação funcionava como uma ferramenta para a resolução dos vários desafios que surgem hodiernamente e está intimamente relacionada com as dimensões do MSI (Ferreira et al., 2013), uma vez que é a partir de uma comunicação honesta e aberta que se expressa afeto, carinho, partilhas, interesses pessoais e limites. Desta forma, o papel da comunicação vai ao encontro das propostas que afirmam que a comunicação desempenha um papel essencial como uma ferramenta para manifestar emoções ligadas ao amor e à intimidade (física e psicológica), além de ser valiosa para superar os desafios do dia a dia (Narciso & Ribeiro, 2009). A par disso, literatura recente tem revelado que nas relações de casal em que as pessoas parceiras escutam ativamente o outro, recorrem a autorrevelações (Kuhn et al., 2018) e acedem às linguagens das pessoas parceiras (Mostova & Matthews, 2022) encontram-se maiores níveis de conexão emocional, proximidade e satisfação. Em adição, a comunicação surgiu como fator protetor da intimidade e como fator promotor de satisfação conjugal na reparceria, contrariamente ao surgimento da perceção de barreiras comunicacionais como fator de risco à intimidade e como obstáculo à satisfação conjugal.

No que toca às transformações na intimidade de um casal em reparceria, os participantes reportaram que as suas atuais relações possibilitavam uma maior expressão de autenticidade, de autonomia, compreensão e partilha. Da mesma forma, procuravam que na reparceria houvesse uma melhoria nos padrões comunicacionais e nas estratégias adotadas para efetuar uma comunicação mais eficaz. A par disso, surgiram aspetos que aparentam não ser negociáveis na reparceria, isto é, encontra-se neste formato relacional uma reformulação de *standards*, associada a uma clara expressão de que se procurou um parceiro que possibilitasse uma experiência diferente da vivida no passado. Desta forma, esta investigação mostra que esta procura de algo que contraste com a experiência prévia não se encontra só em situações de pós divórcio (Schneller & Arditti, 2004). No entanto, o estabelecimento destes limites, destas novas ambições e reformulações, só acontece com desenvolvimento pessoal, que advém dos términos e das relações anteriores. Deste modo, o fim de uma relação através de uma separação ou de um divórcio pode possibilitar um espaço de aprendizagem sobre o próprio, o que vai ao

encontro da ideia de que apesar do sofrimento inerente ao fim de uma relação, esse pode ser um momento de reflexão e crescimento (Schneller & Arditti, 2004), uma vez que o mesmo pode inclusivamente pressupor alterações no conteúdo do *self* (Slotter & Finkel, 2010).

Além das componentes de intimidade já mencionadas, ao longo da investigação, os participantes distinguiram e atribuíram também alguma importância à sexualidade, como uma forma de intimidade que promove a satisfação conjugal na reparceria, o que é congruente com a noção de que a sexualidade e o desejo são aspetos fundamentais para manter as relações com proximidade e conexão emocional (Narciso & Ribeiro, 2009). Da mesma forma, Van Lankveld e colaboradores (2018) verificaram que a intimidade podia ser um preditor sólido do desejo sexual que por sua vez influencia a perceção de satisfação sexual. Em suma, a intimidade aparenta desempenhar um papel preponderante na sexualidade, como é sugerido na revisão sistemática de Mark e Lasslo (2018).

Limitações e Investigações Futuras

Em primeiro lugar, alguns dos critérios de qualidade para a investigação qualitativa de Tong e colaboradores (2007), não foram contemplados nesta investigação. Primeiramente, dada a importância do *setting* uma vez que pode estar relacionado com a maneira como os participantes respondem, a realização de uma recolha de dados com recurso a videochamadas, onde existem falhas na ligação e barulhos de fundo que podem resultar em cortes na narrativa dos participantes, podem também ter comprometido a qualidade de alguns dos dados recolhidos. Simultaneamente, tendo em conta a pouca experiência da investigadora com a recolha e análise de dados qualitativos, não existiu uma triangulação nos métodos de recolha de dados, o que está relacionado com uma maior precisão e validade (Campbell & Fiske, 1959), uma vez que possibilita que, existam através de diferentes métodos, a promoção de uma visão mais holística das diferentes perspetivas sobre um determinado fenómeno (Howitt, 2016), o que vai ao encontro do paradigma construtivista que contorna esta investigação. Depois, não foi possível recolher qualquer tipo de *feedback* por parte dos participantes sobre os resultados que emergiram da análise de dados, o que poderia acrescentar validade aos significados e ao conhecimento construído, principalmente porque estamos perante uma investigação construtivista. Por outro lado, conhecendo desde já o papel reflexivo do investigador e a subjetividade que lhe é inerente, o facto de alguns participantes terem reportado a vivência de situações abusivas em relações anteriores ou a experiência de situações consideradas como possíveis eventos traumáticos, como traições e/ou divórcios, poderá ter motivado uma

sobrevalorização de algumas dimensões, associadas a vivências prévias ansiogénicas e angustiantes.

Por outro lado, esta investigação tem uma amostra homogénea, uma vez que a maioria dos participantes são mulheres, heterossexuais e todos são caucasianos, o que remete para a característica das investigações qualitativas de necessitarem de amostras pequenas e homogéneas (Howitt, 2016), mas que abre espaço a novas investigações que alarguem as características da população alvo, uma vez que a presente nesta investigação não representa de forma abrangente as reparcerias. Desta forma, sabendo que a longevidade é um dos fatores que, neste momento, mais parece ter impacto nos sistemas familiares, havendo mais gerações em coexistência, é solicitado a uma geração que se encontre hoje com cerca de 60 ou mais anos uma multiplicidade de papéis (Gouveia-Pereira & Pires de Miranda, 2021). Isto pode fazer com que a vivência da intimidade nesta população seja desafiante, por estar associada, por exemplo, a um aumento de problemas de saúde e às atuais exigências de uma nova coabitação entre as gerações que coexistem (Gouveia-Pereira & Pires de Miranda, 2021). Deste modo, o início de uma relação nessa faixa etária apresenta desafios únicos (Koren, 2014; Koren & Sherman, 2022; Schneider et al., 1996), pelo que aprofundar as diferenças nos processos de intimidade justifica a realização de uma investigação com esta população, uma vez que a satisfação conjugal na velhice pode estar intimamente relacionada com o companheirismo e a segurança de uma relação íntima (Gouveia-Pereira & Pires de Miranda, 2021).

Da mesma forma, apesar das reparcerias serem mais frequentemente posteriores a um processo de separação ou divórcio (Guerreiro et al., 2007; Lobo & Conceição, 2003) e desta investigação apenas contar com um participante que tinha passado por uma situação de viuvez, mantêm-se muitas das questões levantadas por esta investigação face à vivência de uma reparceria após um enviuvamento. Associado a esse mesmo fator e ao facto desta amostra ser homogénea, não foi possível realizar muitas comparações, por exemplo entre as vivências de uma reparceria pós-separação *versus* pós-divórcio *versus* pós-viuvez.

Simultaneamente, sabendo que existe uma multiplicidade de estruturas relacionais que podem inclinar-se mais para configurações não-monogâmicas, em que não existe exclusividade sexual e/ou romântica, e/ou poliamorosas, em que coexistem de forma mais ou menos frequente na vida íntima e relacional das pessoas parceiras (Ferreira, 2023), procurar compreender como é vivida a intimidade e as suas dimensões em relações com estruturas ainda estigmatizadas (Schechinher et al., 2018) poderá ser pertinente e interessante.

Além disso, reconhecendo a existência de um triângulo primário e secundário nas reparcerias, uma investigação que procurasse perceber se o triângulo secundário se aplicaria da

mesma forma em relações de parceria que sofreram traumas (e.g., infidelidade) poderia ser pertinente.

Por fim, reconhecendo que os resultados desta investigação se baseiam em relatos e percepções subjetivas dos participantes individualmente, que espelham a sua visão da realidade (Gouveia-Pereira & Pires de Miranda, 2021), e, que alinhado a uma perspectiva sistémica, este é apenas uma das partes do subsistema do casal, poderia ser interessante realizar um estudo semelhante com entrevistas diádicas.

Potenciais Contributos para Prevenção, Intervenção e Investigação

Reconhecendo que existem já algumas guias orientadoras para o trabalho preventivo e de intervenção com famílias reconstituídas, propostas por autores como Papernow (2018), esta investigação oferece algumas pistas para um aconselhamento mais direcionado à pessoa e à díade numa reparceria, como as seguintes:

1. Procurar a promoção de um espaço de compreensão face a medos e desafios relacionados à repetição de padrões negativos na reparceria;
2. Reforçar narrativas que realçem que cada casal é único e que as metas estabelecidas não têm de estar associadas à pressão para encontrar sucesso após uma relação anterior;
3. Considerar o sistema como um todo e auxiliar na integração do novo parceiro no sistema familiar de origem através da promoção de estratégias de comunicação e negociação com os membros da família de origem;
4. Valorizar a vulnerabilidade e promover a confiança e a partilha, através do encorajamento de uma comunicação aberta e transparente, construir confiança gradualmente e procurar validação mútua são aspetos que podem fortalecer a intimidade e a satisfação conjugal;
5. Realçar e promover a autonomia, a privacidade e a autenticidade na relação pode fortalecer a conexão íntima.

Conclusão

Em suma, esta investigação explorou os processos, padrões e dinâmicas da intimidade em casais em reparceria, com o objetivo de compreender como os construtos propostos por Ferreira e colaboradoras (2013) são vivenciados nesse contexto específico e como se relacionam com a satisfação conjugal. Dessa forma, contribui para uma melhor compreensão dos processos e padrões de intimidade em casais em reparceria, destacando os desafios enfrentados.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*.
Universidade Aberta.
- Alarcão, M. (2006). *(Des) equilíbrios familiares: uma visão sistemática* (3rd ed.). Quarteto.
- Aragon, A., De Los Upton, S., Flores, N., Francis, D., Gunning, J., Hanebutt, R., ... & Weikle, K. M. (2021). *Communicating Intimate Health*. Rowman & Littlefield.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117(3), 497-529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>
- Berscheid, E., & Reis, H. T. (1998). Attraction and close relationships. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 193–281). McGraw-Hill.
- Boelen, P. A., & Reijntjes, A. (2009). Negative cognitions in emotional problems following romantic relationship break-ups. *Stress and Health: Journal of the International Society for the Investigation of Stress*, 25(1), 11-19. <https://doi.org/10.1002/smi.1219>
- Bowen, M. (1979). *Dalla famiglia all'individuo: La differenziazione del sé nel sistema familiar*. Casa Editrice Astrolabio.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brumbaugh, C. C., & Fraley, R. C. (2015). Too fast, too soon? An empirical investigation into rebound relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(1), 99-118. <https://doi.org/10.1177/0265407514525086>
- Campbell, D. T., & Fiske, D. W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56(2), 81-105.
<https://doi.org/10.1037/h0046016>

- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: Another decade of progress. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1288-1307.
<https://doi.org/10.1111/j.17413737.2000.01288.x>
- Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M. T., & Costa, M. E. (2006). Desenvolvimento da escala de dimensões da intimidade: primeiro estudo empírico. *Psychologica*, 41, 45-63.
- Delgado, A., & Wall, K. (2014). *Famílias nos censos 2011: diversidade e mudança*. INE I.P
- Duarte, Teresa (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Centro de Investigação e Estudos em Sociologia E-Working Papers*, 1-24.
- Dupuis, S. B. (2007). Examining remarriage: A look at issues affecting remarried couples and the implications towards therapeutic techniques. *Journal of Divorce & Remarriage*, 48(1-2), 91-104. https://doi.org/10.1300/J087v48n01_05
- Faber, A. J. (2004). Examining remarried couples through a Bowenian family systems lens. *Journal of Divorce & Remarriage*, 40(3-4), 121-133.
https://doi.org/10.1300/J087v40n03_08
- Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 193–281). McGraw-Hill.
- Ferreira, L. C. (2023). *Sete Casais em Terapia*. (1st ed.). Lisboa: EGO.
- Ferreira, L. C., Narciso, I., & Novo, R. (2013). Authenticity, work and change: A qualitative study on couple intimacy. *Families, Relationships and Societies*, 2(3), 339-354.
<https://doi.org/10.1332/204674313X668569>
- Field, T., Diego, M., Pelaez, M., Deeds, O., & Delgado, J. (2010). Breakup distress and loss of intimacy in university students. *Psychology*, 1(03), 173-177.
<https://doi.org/10.4236/psych.2010.13023>
- Ganong, L. H., & Coleman, M. (2004). Stepfamily relationships. *Development, dynamics, and interventions*, 1-343. <https://doi.org/10.1007/978-1-4899-7702-1>

- Girme, Y. U., Molloy, P. R., & Overall, N. C. (2016). Repairing distance and facilitating support: Reassurance seeking by highly avoidant individuals is associated with greater closeness and partner support. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 42(5), 645-661. <https://doi.org/10.1177/0146167216637846>
- Gouveia-Pereira, M., & Pires de Miranda, M. (2021). *Manual de terapia familiar: Teoria, avaliação e intervenção sistémica*. Pactor.
- Gottman, J. M. (1999). *The marriage clinic: A scientifically based marital therapy*. W W Norton & Co.
- Gottman, J. M. (2011). *The science of trust: Emotional attunement for couples*. W W Norton & Co.
- Guerreiro, M. D., Torres, A., & Lobo, C. (2007). Famílias em mudança: configurações, valores e processos de recomposição. In M.D. Guerreiro, A. Torres & L. Capucha (Eds.), *Quotidiano e Qualidade de Vida: Vol. 3. Portugal no Contexto Europeu* (pp.7-37). Celta.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, SAGE Publications Inc
- Harvey, J. H., Agostinelli, G., & Weber, A. L. (1989). Account-making and the formation of expectations about close relationships. In C. Hendrick (Ed.), *Review of personality and social psychology: Vol. 10. Close relationships* (pp. 39–62). SAGE Publications Inc.
- Hawkinson, K., & Zamboni, B. D. (2014). Adult baby/diaper lovers: An exploratory study of an online community sample. *Archives of Sexual Behavior*, 43, 863-877. <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0241-7>
- Howitt, D. (2016). *Introduction to qualitative methods in Psychology* (3rd ed.). Pearson.

- Kallio, H., Pietilä, A. M., Johnson, M., & Kangasniemi, M. (2016). Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide. *Journal of Advanced Nursing*, 72(12), 2954-2965.
<https://doi.org/10.1111/jan.13031>
- Kansky, J. (2018). What's love got to do with it? Romantic relationships and well-being. In E. Diener, S. Oishi & L. Tay (Eds.), *Handbook of well-being* (pp.1-24). DEF Publishers.
- Koren, C. (2014). Together and apart: A typology of re-partnering in old age. *International psychogeriatrics*, 26(8), 1327-1350. <https://doi.org/10.1017/S1041610214000738>
- Koren, C., Lipman-Schiby, S., & Sherman, C. W. (2022). What Draws Late-Life Repartners to Each Other and Keeps Them Together? An Intergenerational Stepfamily Perspective. *Marriage & Family Review*, 58(3), 271-289.
<https://doi.org/10.1080/01494929.2021.1958124>
- Kuhn, R., Bradbury, T. N., Nussbeck, F. W., & Bodenmann, G. (2018). The power of listening: Lending an ear to the partner during dyadic coping conversations. *Journal of Family Psychology*, 32(6), 762–772. <https://doi.org/10.1037/fam0000421>
- Kvanli, J. A., & Jennings, G. (1987). Recoupling: Development and establishment of the spousal subsystem in remarriage. *Journal of Divorce*, 10(1-2), 189-203.
- Laurenceau, J. P., Barrett, L. F., & Pietromonaco, P. R. (1998). Intimacy as an interpersonal process: the importance of self-disclosure, partner disclosure, and perceived partner responsiveness in interpersonal exchanges. *Journal of personality and social psychology*, 74(5), 1238-1251. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.5.1238>
- Levine, S. B. (1991). Psychological intimacy. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 17(4), 259-267. <https://doi.org/10.1080/00926239108404350>

- Lobo, C., & Conceição, C. P. (2003). O recasamento em Portugal. *Sociologia, problemas e práticas*, 42, 141-159.
- Locker Jr, L., McIntosh, W. D., Hackney, A. A., Wilson, J. H., & Wiegand, K. E. (2010). The breakup of Romantic Relationships: Situational Predictors of Perception of Recovery. *North American Journal of Psychology*, 12(3), 565-578.
- Mark, K. P., & Lasslo, J. A. (2018). Maintaining sexual desire in long-term relationships: A systematic review and conceptual model. *The Journal of Sex Research*, 55(4-5), 563-581. <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1437592>
- Martin-Uzzi, M., & Duval-Tsioles, D. (2013). The experience of remarried couples in blended families. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(1), 43-57. <https://doi.org/10.1080/10502556.2012.743828>
- McGoldrick, M., Carter, B., & Garcia-Preto, N. (2014). *The expanded family life cycle: Individual, family and social perspectives* (4th Eds). Pearson.
- Mostova, O., Stolarski, M., & Matthews, G. (2022). I love the way you love me: Responding to partner's love language preferences boosts satisfaction in romantic heterosexual couples. *PLOS ONE*, 17(6), 1-18. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0269429>
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Psicologia*, 12, 115-130.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de ler.
- Olmos-Vega, F. M., Stalmeijer, R. E., Varpio, L., & Kahlke, R. (2022). A practical guide to reflexivity in qualitative research: AMEE Guide No. 149. *Medical Teacher*, 45(3), 241–251. <https://doi.org/10.1080/0142159x.2022.2057287>
- Papernow, P. L. (2018). Clinical guidelines for working with stepfamilies: What family, couple, individual, and child therapists need to know. *Family Process*, 57(1), 25-51. <https://doi.org/10.1111/famp.12321>

- Park, Y., & MacDonald, G. (2019). Consistency between individuals' past and current romantic partners' own reports of their personalities. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 116(26), 12793-12797. <https://doi.org/10.1073/pnas.1902937116>
- Perel, E. (2007). *Mating in captivity: Sex, lies and domestic bliss*. Hodder.
- Pordata (Jun, 2023) Contemporary Database on Portugal. <http://www.pordata.pt>
- Raley, R. K., & Sweeney, M. M. (2020). Divorce, repartnering, and stepfamilies: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 82(1), 81-99. <https://doi.org/10.1111/jomf.12651>
- Santos, C., Higginbotham, B. J., Costa, M. E., & Martins, M. V. (2022). The remarriage belief inventory: A validation study in the remarried portuguese population. *Journal of Family Issues*, 1-19. <https://doi.org/10.1177/0192513X221092052>
- Saunders, B., Sim, J., Kingstone, T., Baker, S., Waterfield, J., Bartlam, B., ... & Jinks, C. (2018). Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Quality & Quantity*, 52, 1893-1907. <https://doi.org/10.1007/s11135-0170574-8>
- Sbarra, D. A., & Emery, R. E. (2005). The emotional sequelae of nonmarital relationship dissolution: Analysis of change and intraindividual variability over time. *Personal Relationships*, 12(2), 213-232. <https://doi.org/10.1111/j.1350-4126.2005.00112.x>
- Schechinger, H. A., Sakaluk, J. K., & Moors, A. C. (2018). Harmful and helpful therapy practices with consensually non-monogamous clients: Toward an inclusive framework. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 86(11), 879. <https://doi.org/10.1037/ccp0000349>
- Schnarch, D. (2010). Usando a terapia crucible para tratar os transtornos do desejo sexual. In S. Leiblum (Ed.), *Tratamento dos transtornos do desejo sexual: Casos clínicos*. Arned.

- Schneider, D. S., Sledge, P. A., Shuchter, S. R., & Zisook, S. (1996). Dating and remarriage over the first two years of widowhood. *Annals of clinical psychiatry*, 8(2), 51-57.
<https://doi.org/10.3109/10401239609148802>
- Schneller, D. P., Arditti, J. A., & Arditti, J. A. (2004) After the breakup: Interpreting divorce and rethinking intimacy. *Journal of Divorce & Remarriage*, 42(1-2), 1-37.
https://doi.org/10.1300/J087v42n01_01
- Slotter, E. B., Gardner, W. L., & Finkel, E. J. (2010). Who am I without you? The Influence of romantic breakup on the self-concept. *Personality and Social Psychology bulletin*, 36(2), 147-160. <https://doi.org/10.1177/0146167209352250>
- Spanier, G. B., & Furstenberg Jr, F. F. (1987). Remarriage and reconstituted families. In M.B. Sussman & S.K. SteinMetz (Eds.), *Handbook of marriage and the family* (pp. 419-434). Springer.
https://doi.org/10.1007/978-1-4615-7151-3_16
- Tashiro, T. Y., & Frazier, P. (2003). "I'll never be in a relationship like that again": Personal growth following romantic relationship breakups. *Personal Relationships*, 10(1), 113-128. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00039>
- Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357.
<https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>
- Tsai, G. (2016). Vulnerability in intimate relationships. *The Southern journal of philosophy*, 54, 166-182. <https://doi.org/10.1111/sjp.12183>
- Van Lankveld, J., Jacobs, N., Thewissen, V., Dewitte, M., & Verboon, P. (2018). The associations of intimacy and sexuality in daily life. *Journal of Social and Personal Relationships*, 35(4), 557–576. <https://doi.org/10.1177/0265407517743076>

- Vishnevsky, T., & Beanlands, H. (2004). Qualitative research. *Nephrology Nursing Journal*, 31(2), 234.
- Walsh, F. (2016). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*, 3-27.
- Willing, C. (2013). *EBOOK: introducing qualitative research in psychology*. McGraw-Hill Education.
- Yeh, H. C., Lorenz, F. O., Wickrama, K. A. S., Conger, R. D., & Elder Jr, G. H. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability at midlife. *Journal of family psychology*, 20(2), 339–343. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.2.339>

APÊNDICES

Apêndice A
Guião de Entrevista

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos
1. Informação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pedir autorização para gravação áudio da entrevista 2. Proceder à apresentação. 3. Relembrar aspetos e procedimentos da entrevista 4. Aspetos deontológicos 5. Assinatura do consentimento 	<ol style="list-style-type: none"> 2.1) Fazer a apresentação da entrevistadora 2.2) Fazer a apresentação do participante 3.1) Relembrar informação sobre os objetivos, a finalidade, a duração e o conteúdo da entrevista 4.1) Agradecer a sua colaboração 4.2) Assegurar a confidencialidade e o anonimato 4.3) Informar sobre o direito à não resposta 4.4) Assegurar o esclarecimento de eventuais dúvidas 4.5) Relembrar a possibilidade de parar a entrevista a qualquer momento
2. Informações sobre a relação de reparceria	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer os aspetos-chave que caracterizam a formação do casal 2. Perceber em que fase de vida se encontravam quando se conheceram e a que se encontram atualmente 3. Entender se verifica coexistência de várias etapas do ciclo vital da família 4. Expetativas associadas ao processo de formar um novo casal após um processo de divórcio, separação ou viuvez 5. Perceber como foi percecionado o suporte social perante esta nova relação 	<ol style="list-style-type: none"> 1.1) Procurar perceber como é que se conheceram e como começaram a estabelecer a relação 1.2) Compreender como foi o processo de formar uma nova relação face à separação anterior (para si e para o outro) 1.3) Perceber quais foram as principais dificuldades da formação da nova relação 2.1) Perceber em que fase do ciclo de vida individual e familiar ambos estavam 4.1) Perceber as expetativas sobre o sucesso e insucesso da reparceria 4.2) Perceber se os cônjuges identificam e como vivenciam as expetativas da sociedade ao estarem numa reparceria
3. Intimidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Recolher informação sobre as significações atribuídas à autenticidade 2. Recolher informação sobre as significações e manifestações de autonomia na díade 3. Recolher informação sobre as significações atribuídas à confiança 4. Recolher informação sobre as significações atribuídas à compreensão 5. Recolher informação sobre as significações atribuídas à partilha 6. Recolher informação sobre as significações atribuídas à privacidade 7. Fatores de risco e de proteção de intimidade 8. Conhecer o ideal de intimidade 9. Comunicação 10. Significações da intimidade 	<ol style="list-style-type: none"> 1.1) Compreender como se define e vive a autenticidade na relação 1.2) Compreender quais as diferenças e semelhanças encontradas nas significações de autenticidade desta relação face à anterior 2.1) Compreender como se define e manifesta a autonomia na relação 2.2) Compreender quais as diferenças e semelhanças encontradas nas manifestações de autenticidade desta relação face à anterior 2.3) Conhecer se existe um equilíbrio entre um sentimento de autonomia e um sentimento de pertença e como é que este é alcançado 3.1) Compreender como se define a confiança na relação e que significado é atribuído a “confiar no outro” 3.2) Compreender como foi o processo e as transformações envolvidas ao confiar num novo parceiro 3.3) Conhecer quais foram as principais dificuldades em estabelecer uma relação de confiança com este novo parceiro após a relação anterior

		<p>4.1) Compreender como se define e manifesta a compreensão na díade</p> <p>4.2) Perceber quais as diferenças e semelhanças encontradas nas manifestações e percepções de compreensão nesta relação face à anterior</p> <p>5.1) Compreender como se define e manifesta a partilha na relação</p> <p>5.2) Conhecer como foi aprender a partilhar pensamentos, emoções e outros aspetos íntimos com um novo parceiro e quais as diferenças e semelhanças principais que emergem nesta dimensão face à relação anterior</p> <p>6.1) Compreender como se define e manifesta a privacidade na díade</p> <p>6.2) Perceber quais as diferenças e semelhanças encontradas na percepção de privacidade nesta relação face à anterior</p> <p>7.1) Conhecer que fatores protetores e de risco identificam para uma intimidade satisfeita</p> <p>8.1) Conhecer que conceções e expetativas estão atribuídas a uma intimidade ideal</p> <p>8.2) Compreender quais as diferenças e semelhanças encontradas nas conceções e atribuídas a uma intimidade ideal nesta relação face à anterior</p> <p>9.1) Perceber que papel assume a comunicação na intimidade conjugal da díade</p> <p>9.2) Compreender quais as diferenças e semelhanças encontradas no papel que a comunicação assume na intimidade conjugal da díade face à relação anterior</p> <p>10.1) Aceder às significações pessoais do que é intimidade e perceber se/como mudaram com a formação desta nova relação</p>
4. Satisfação conjugal e Intimidade	<p>1. Significações e dimensões de satisfação conjugal</p> <p>2. Fatores essenciais para a satisfação conjugal</p> <p>3. Fatores potenciadores e perturbadores da satisfação</p> <p>4. Importância da intimidade para a satisfação conjugal</p>	<p>1.1) Compreender quais as diferenças e semelhanças encontradas na dimensões associadas à satisfação conjugal desta relação face à anterior</p> <p>3.1) Facilitadores e obstáculos à satisfação conjugal</p> <p>4.1) Conhecer os principais aspetos da intimidade que contribuem para a satisfação conjugal</p>
5. Finalização	<p>1. Agradecimentos</p> <p>2. Esclarecimentos e dúvidas</p>	<p>1.1) Agradecer a participação e o contributo para a investigação</p> <p>2.1) Perguntar se existe alguma dúvida que deseje ver esclarecida</p>

Apêndice B
Questionário Sociodemográfico

Preencha o questionário que se segue com as informações que correspondem à sua situação. Por favor, não deixe nenhuma questão por responder. Obrigada!

1. Qual o seu país de residência?

_____.

2. Qual a sua idade?

_____.

3. Qual o seu género?

- Masculino
- Feminino
- Outro: _____

4. Qual a sua orientação sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Assexual
- Outra: _____

5. Qual a sua identificação cultural e/ou étnico-racial?

- Caucasiana/Branca
- Africana/Negra
- Asiática
- Cigana
- Outra: _____

6. Qual a sua situação relacional atual? Nesta questão pode selecionar mais do que uma opção.

- Relacionamento amoroso
- União de facto
- Casado(a)
- Viúvo(a)
- Divorciado(a)
- Outra: _____

7. Há quanto tempo está numa relação com o seu atual parceiro(a)?

_____.

8. Tem filhos com o seu atual parceiro? Se sim, quantos e atualmente quais são as suas idades?

_____.

9. Neste momento coabita com o seu atual parceiro(a)?

_____.

10. Como terminou a sua relação sua relação anterior à atual?

- Viuvez
- Divórcio
- Separação

11. Teve filhos com o seu antigo parceiro? Se sim, quantos e atualmente quais são as suas idades?

_____.

Apêndice C

Consentimento Informado

A investigação para a qual peço a sua colaboração tem como objetivo contribuir para aprofundar o conhecimento sobre os processos e padrões que se mostram relevantes na satisfação conjugal e na intimidade de um casal em processo de reparceria

Decorre no âmbito da dissertação de mestrado da aluna Mariana Costa de Macedo (Psicóloga), no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde com especialização em Psicologia Clínica Sistémica – Contextos Familiar, Comunitário e Forense da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Professora Luana Cunha Ferreira.

Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos aplicados à investigação em Psicologia. Será apenas realizada uma entrevista que terá duração máxima de uma hora e será gravada (apenas áudio) com propósito de garantir a fidelidade da informação expressa pelos participantes e o rigor metodológico esperado. A gravação será destruída após transcrição e os dados recolhidos serão confidenciais.

A sua participação é totalmente voluntária e apenas se realizará mediante o seu acordo. Poderá desistir ou interromper a mesma a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, assim como terá sempre o direito a não responder. Após o término da dissertação, os participantes serão contactados (via email) para, caso assim o desejem, terem acesso, através de uma linguagem esclarecedora, aos resultados gerais e principais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma.

A sua colaboração nesta investigação é extremamente importante, contribuindo para aprofundar o conhecimento sobre as experiências e vivências de um casal em processo de reparceria

Obrigada pela sua colaboração!

Confirmo que aceito participar no estudo, após ter lido a descrição acima

Data: ___/___/_____ Rubrica: _____

Apêndice D

Listagem das categorias, definições operacionais e número de fontes e referências

1. **INTIMIDADE (14/362)**: espelha as reflexões e os significados atribuídos pelos participantes, ao conceito de intimidade após terem experienciado separações, divórcios e viuvezes.
 - 1.1. **Dimensões MSI (2013) (14/279)**: conceitos propostos pela investigação desenvolvida por Ferreira e colaboradoras (2013) que definem e conceptualizam o conceito de Intimidade.
 - 1.1.1. **Confiança (14/63)**: faz referência às atribuições de significado e percepções dos participantes face a uma sensação de segurança e de vínculo com o parceiro.
 - 1.1.1.1. **Dificuldades em Confiar na Reparceria (8/12)**: diz respeito à percepção dos participantes face à existência de desafios no processo estabelecer uma relação de confiança na reparceria.
 - 1.1.1.1.1. **Bagagem Emocional (5/11)**: faz referência a um motivo específico pelo qual é difícil estabelecer uma relação de confiança na reparceria que consiste no transporte de uma bagagem de inseguranças provenientes de relações anteriores para o relacionamento atual.
 - 1.1.1.1.2. **Promotores de Confiança (6/13)**: diz respeito a fatores que os participantes encontraram que promovem uma maior sensação de confiança numa relação íntima na reparceria.
 - 1.1.1.1.2.1. **Comunicação (3/7)**: refere-se principalmente à percepção de alguns participantes que através da partilha daquilo que os deixa inseguros e daquilo que valorizam nas atitudes do parceiro se promova um espaço onde é possível construir confiança.
 - 1.1.1.1.2.2. **Diferenciação do Self (5/6)**: surge através da ideia que a partir de um processo de aprendizagem e conhecimento de si mesmos e de um processo que também é intrínseco a cada pessoa, as pessoas participantes vão-se desenvolvendo pessoalmente e assim ficam mais aptos a confiar.
 - 1.1.1.1.3. **Facilidade em Confiar Novamente (6/12)**: percepção de que a abertura à experiência emocional de uma nova relação pode ser conseguida com menor percepção de desafios e dificuldades.
 - 1.1.1.1.3.1. **Término da Relação Pré-Reparceria (4/7)**: refere-se à percepção que os participantes têm do modo como terminou a sua relação anterior, mais especificamente, a capacidade aquando de um término que culmina numa sensação de que há possibilidade de manter uma boa relação com o ex-parceiro, ou em que não existiram quebras de confiança, traições e traumas relacionadas com a mesma, o que se reflete numa sensação por parte dos participantes de que o que ficou para trás ficou bem resolvido e essa condição poderá ser um elemento facilitador aquando da estabelecimento de reparceria.
 - 1.1.1.1.3.2. **Separar o Passado do Presente (3/5)**: percepção de uma diferenciação entre as experiências relacionais vividas no passado, em relações prévias, e as experiências que se demonstram possíveis com e numa reparceria.
 - 1.1.1.1.4. **Transparência (8/10)**: específica como os participantes estabelecem uma relação íntima entre a confiança e a sensação de segurança na

possibilidade de poder contar tudo aos seus parceiros, principalmente poder partilhar aspetos que não partilham com outras pessoa, como vulnerabilidades e coisas que consideram difíceis de partilhar

- 1.1.2. **Partilha** (11/30): consiste na comunicação de pensamentos, emoções e interesses e envolve a compartilhar e o desfrutar de atividades conjunto.
- 1.1.2.1. **Partilhar o Dia-a-dia** (8/12): comunicações sobre aspetos relacionados com a rotina dos participantes, que envolvem desde os aspetos mais “mínimos” às vivências diárias
- 1.1.2.2. **Lugar de Segurança** (4/5): espaço onde é possível partilhar tudo e por isso ser-se vulnerável, o que faz com que contribua para a construção de onde existe uma sensação de bem-estar e de receptividade a qualquer partilha, mesmo aquelas que são percebidas pelos participantes como mais difíceis de partilhar.
- 1.1.2.3. **Importância da Curiosidade** (4/7): remete para o valor que os participantes atribuem à demonstração de interesse por parte dos seus parceiros(as) face às suas partilhas.
- 1.1.2.4. **Dificuldade em Reabrir Feridas** (4/5): diz respeito ao desafio e ao medo sentido e identificado pelos participantes em recontar as suas histórias, os seus traumas, as suas vivências nas relações passadas
- 1.1.3. **Compreensão** (10/26): caracterizada por uma procura por conhecer as necessidades do outro e assumir uma postura empática e de escuta, respeitando também os silêncios do parceiro.
- 1.1.3.1. **Empatia** (8/18): capacidade de compreender e de procurar conhecer o lugar de outra pessoa, estabelecendo uma relação próxima com as suas emoções, perspectivas e experiências.
- 1.1.3.2. **Escutar** (6/8): através do silêncio se procura ouvir o que o outro sente, as suas opiniões e se evita começar a argumentar ser ter completamente escutado o que outro tem para dizer.
- 1.1.4. **Autonomia** (12/49), que remete para a percepção de que é possível manifestar nos comportamentos, ações, gostos e valores uma noção de individualidade, que permite que cada pessoa pode seguir os seus interesses sem se sentir preso.
- 1.1.4.1. **Características Específicas** (10/20): Elementos que os participantes referiam que faziam parte do conceito de Autonomia.
- 1.1.4.1.1. **Espaço Pessoal** (8/13): engloba para os participantes uma percepção de momentos em que existe espaço físico, como espaço o psicológico, espaço de ideias, abrindo lugar a um “eu” que não se sente apertado e enclausurado.
- 1.1.4.1.2. **Liberdade** (4/7): sensação de independência em certa medida uma vez que se pode tomar decisões e seguir interesses sozinho, sem perder a relação com o outro.
- 1.1.4.2. **Manifestações de Autonomia** (9/16): vivência de momentos em que se fazem atividades individualmente, em que existe uma percepção de uma autonomia financeira, em que cada um tem os seus hobbies, rede social de amigos e eventos próprios.
- 1.1.4.3. **Equilíbrio entre o Sentimento de Pertença e a Autonomia** (6/13): é algo que os participantes procuram conseguir atingir, uma vez que significa que as necessidades individuais de autonomia estão a ser respondidas e atendidas enquanto simultaneamente a dinâmica relacional do “nós” não se perde e nenhuma das necessidades se sobrepõe à outra

- 1.1.5. **Autenticidade** (11/30): diz respeito à possibilidade de se ser verdadeiro e transparente na presença do parceiro e na reparceria
- 1.1.5.1. **Genuinidade** (10/21): percepção da possibilidade de os participantes serem iguais a eles próprios, de forma honesta e holisticamente.
- 1.1.5.2. **Diferenciação no casal** (7/8): percepção de uma clara distinção entre as 3 dimensões – “eu, tu e nós” que se relacionam mas que não devem ser nem fusionais, nem completamente separadas.
- 1.1.6. **Privacidade** (8/13): refere-se a uma dimensão muito exclusiva que é vivido e experienciado individualmente, que envolve o direito individual de proteger informações pessoais, bem como de manter certas áreas da vida ou da atividade pessoal fora do alcance do terceiros
- 1.1.6.1. **Espaço Exclusivo ao “Eu”** (13/23): local em que se guarda o que é exclusivo da pessoa
- 1.1.6.2. **Momentos do “Eu”** (8/12): experiências e vivências que devem ser vividas exclusivamente, ou seja, individualmente e que são vividas e posteriormente guardadas numa espaço que é referido pelos participantes como privado
- 1.2. **Novas Dimensões de Intimidade** (5/10): Conceito identificado pelos participantes que está associado à definição de intimidade D das Dimensões propostas por Ferreira e colaboradoras (2013)
- 1.2.1. **Vulnerabilidade** (5/10): remete para a disposição dos participantes em exporem-se emocionalmente, revelando-se autenticamente e sem defesas, mesmo na presença de medos e/ou inseguranças.
- 1.3. **Fatores Protetores** (8/20) contribuem e promovem uma maior conexão emocional e para a percepção de uma relação mais íntima, saudável e satisfeita.
- 1.3.1. **Validação** (5/9): Protege a intimidade conjugal uma vez que faz referência ao ato de reconhecer e “abraçar” os sentimentos, pensamentos, experiências e perspectivas de outra pessoa de forma genuína e respeitosa.
- 1.3.2. **Comunicação** (4/7): envolve o processo de transmitir informações, ideias, sentimentos e significados entre pessoas, o que permite uma troca de percepções que é fundamental para um entendimento mútuo, para a interação e para uma experiência de partilha.
- 1.4. **Fatores de Risco** (6/10):
- 1.4.1. **Barreiras na Comunicação** (4/7): acontece principalmente na presença de elementos que fazem com que a comunicação seja caracterizada como pobre, isto é, em que existe a percepção de que não se está a ser ouvido, em que existem faltas de respeito e se vivencia uma comunicação com julgamentos e experienciam momentos em que não se procura comunicar.
- 1.4.2. **Dificuldade em Confiar** (3/3): desconfiança que pode colocar em risco a Intimidade na reparceria uma vez que a possibilidade de não acreditar ou hesitar em perceber as palavras, ações ou intenções do(a) parceiro(a), como verdadeiras pode desafiar o estabelecimento de relacionamentos íntimos e autênticos, criando possivelmente algum distanciamento emocional.
- 1.5. **Formas de Intimidade** (5/17):
- 1.5.1. **Intimidade Sexual** (5/9): remete para uma conexão íntima e física que num relacionamento romântico ou sexual e envolve uma entrega e a expressão e a partilha de desejo, prazer e afeto através de atividades sexuais consensuais.
- 1.5.2. **Intimidade Emocional** (4/8) que se refere à conexão emocional profunda e íntima que envolve compartilhar sentimentos, pensamentos, experiências pessoais, medos, sonhos e desejos.

- 1.6. **Importância da Comunicação** (12/26): assume um papel central e de liderança na construção e manutenção de um relacionamento íntimo e saudável. é vista como um elemento fundamental para o estabelecimento de uma conexão profunda uma vez que permite que eles expressem suas necessidades, desejos, preocupações e emoções de maneira clara e eficaz e permite também que se estabeleçam limites e barreiras.
2. **Especificidades das Reparcerias** (14/163): procura fazer referência aos processos, expectativas e transformações identificadas pelos participantes como singulares e únicos à formação e manutenção de uma reparceria.
- 2.1. **Transformações na Reparceria** (14/95): percepção dos participantes sobre aspetos que foram adquiridos exclusivamente aquando da entrada na reparceria, ou seja, processos que conferem à Reparceria características únicas sentidas pelos participantes como exclusivas a este processo singular
- 2.1.1. **Não Negociável da Reparceria** (13/37): diz respeito à importância que os participantes dão ao facto da reparceria ter necessariamente de ser percecionada como uma relação diferente daquela que viveram anteriormente, que remete para a ideia de que a experiência anterior não pode ser repetida.
- 2.1.1.1. **Reformulação de Standards** (11/28): faz referência à origem deste aspeto não negociável da reparceria, que surge a partir de uma nova atribuição de significados a aspetos que cada participante considera crucial que sejam diferentes das suas experiências anteriores, isto significa, que os participantes relatam que através de um processo de aprendizagem com a relação anterior, há certos parâmetros e condições que passam a ser reformulados e procurados aquando da reparceria.
- 2.1.1.2. **Desenvolvimento Pessoal** (8/9): remete para a ideia dos participantes que para perceberem o que não queriam repetir tiveram de crescer, recorrer a movimentos de autoconhecimento e maturidade do *self*.
- 2.1.2. **Mais Intimidade** (12/41), quer isto dizer que uma das transformações que os participantes percecionam e assinalam como característica das reparcerias é a existência de maior prevalência de algumas das dimensões que previamente associaram à Intimidade
- 2.1.2.1. **Mais Autenticidade** (9/16): maior percepção da possibilidade de se ser verdadeiro e transparente na presença do parceiro e na reparceria quando comparado com a relação anterior.
- 2.1.2.2. **Mais Autonomia** (6/12): percepção de que é possível manifestar mais comportamentos, ações, gostos e valores individuais, que permitem que cada pessoa possa seguir os seus interesses sem se sentir preso, na relação atual quando comparado com a relação anterior.
- 2.1.2.3. **Mais Compreensão** (6/8): maior percepção de uma procura por conhecer as necessidades do outro e assumir uma postura empática e de escuta na reparceria quando comparado com o relacionamento anterior.
- 2.1.2.4. **Mais Partilha** (4/5): percepção de um aumento na comunicação de pensamentos, emoções, interesses e partilha de atividades em conjunto na reparceria quando comparado com a relação anterior.
- 2.1.3. **Procura uma Melhor Comunicação** (10/16): esta procura expressa o desejo de uma melhoria na qualidade e na quantidade de trocas verbais e não verbais o que pode incluir uma expressão de forma mais clara e assertiva de opiniões, desejos e necessidades, assim como uma maior disposição a ouvir ativamente o parceiro e a compreender suas perspetivas e emoções
- 2.2. **Dificuldades na Reparceria** (8/27): percepção dos participantes de desafios e obstáculos sentidos ao longo das suas relações atuais

- 2.2.1. **Medo da Repetição de Padrões** (5/15): faz referência a uma insegurança que alguns participantes realçaram ao experienciar um receio face à possibilidade de vir a experienciar situações semelhantes a algumas vividas no parceiro, experiências essas que não querem voltar a viver.
- 2.2.2. **Adição de um Novo Elemento ao Sistema Familiar** (4/12): diz respeito aos desafios percebidos pelos participantes aquando da entrada do seu novo parceiro nas rotinas e rituais do sistema familiar
- 2.3. **Expetativas iniciais** (13/24): diz respeito às crenças, esperanças ou previsões que os participantes têm em relação a como as suas relações iriam decorrer, tipicamente estas expetativas são baseadas em experiências passadas.
- 2.3.1. **Falta de Expetativas** (10/18): demonstração no início da relação de uma perceção individual de baixas ou nenhuma esperanças face ao futuro da reparceria
- 2.3.1.1. **Queda da Ideia do Amor Perfeito** (5/8): remete para o término de uma ideia de que os relacionamentos duram para sempre e as pessoas vivem relacionamentos em que não há defeitos, nem desafios, ideia essa que parece terminar quando acabam as relações prévias à reparceria.
- 2.3.2. **Expetativas de Sucesso** (3/4): sensação de esperança face à reparceria, uma vez que consideravam que a relação tinha tudo para correr da melhor forma, por perceberem nos parceiros(as) características que iam ao encontro das suas necessidades, gostos e/ou valores.
- 2.4. **Rede Social** (10/17): remete para as perceções dos participantes sobre as intervenções e opiniões das pessoas que lhes são próximas e com quem partilham contextos face ao estabelecimento de uma nova relação após uma separação, divórcio ou viuvez.
- 2.4.1. **Julgamento** (8/12): preconceito e comentários pejorativos por parte da rede social, sendo que o mesmo estava frequentemente associado a perceberem que os participantes ultrapassavam a relação anterior com os ex-companheiros “demasiado” rapidamente e para além disso, realçam também algum preconceito face a diferenças de idades entre os membros da díade.
- 2.4.2. **Apoio da Rede Social** (3/4) que é percebido por não existir por parte da rede Social pressão e elevadas expetativas, mas sim reforço positivo.
3. **Satisfação Conjugal** (14/105): diz respeito à perceção de qualidade atribuída a um relacionamento
- 3.1. **Fatores Promotores de Satisfação Conjugal** (14/54): elementos que contribuem para uma maior perceção de bem-estar e felicidade num relacionamento
- 3.1.1. **Centrados no “Nós”** (14/43): aquilo que o casal promove e ao que recorre para uma perceção de uma melhor Satisfação Conjugal na reparceria
- 3.1.1.1. **Comunicação** (8/13): a habilidade de se expressarem abertamente, ouvir ativamente e resolverem conflitos de maneira construtiva promove a perceção de satisfação conjugal
- 3.1.1.2. **Confiança** (8/11): sensação de segurança e apoio que desempenha um papel fundamental na construção de intimidade, da segurança e de bem-estar emocional
- 3.1.1.2.1. **Possibilidade de Ser Vulnerável** (5/5): o espaço de confiança permite que os participantes percecionem uma sensação de conforto para partilhar os seus pensamentos, sentimentos e vulnerabilidades sem medo de serem julgados ou rejeitados
- 3.1.1.3. **Partilha** (7/10): envolve o partilhar de experiências, responsabilidades, interesses e atividades e que mostra que a perceção dos

participantes é que ao se envolverem numa partilha significativa, pode existir um aumento de proximidade emocional, um fortalecimento do vínculo e uma maior percepção de satisfação no relacionamento.

- 3.1.1.4. **Sexualidade (6/9)**: forma de conexão física e emocional entre a díade que envolve manifestações de afeto, o desejo e a frequência de atividade sexual e quando há uma percepção de uma sexualidade saudável e satisfatória no relacionamento, isso pode promover a satisfação e o bem-estar conjugal
- 3.1.2. **Centrados no “Eu” (7/8)**: elementos mais individuais e associados ao *self* que promovem esta percepção satisfatória com a reparceria.
 - 3.1.2.1. **Sensação de Crescimento Pessoal (4/4)**: ocorre quando os participantes têm a percepção que existe uma oportunidade de crescer e de se desenvolverem ao alcançarem objetivos pessoais, viverem novas experiências e ao compartilharem gostos e aprendizagens, já adquiridas ou novas
 - 3.1.2.2. **Autoconhecimento (2/2)**: quando existem um bom nível de autoconhecimento, ou quando os participantes procuram compreender os seus próprios pensamentos, emoções, necessidades, valores e padrões de comportamento, isso pode ter vários efeitos positivos no relacionamento
 - 3.1.2.3. **Autonomia (2/2)**: é percecionado por alguns participantes como uma competência que promove a Satisfação Conjugal uma vez que se refere à capacidade de cada pessoa tomar decisões, agir e procurar os seus próprios interesses, necessidades e metas individuais dentro do relacionamento e por isso o incentivo à autonomia que envolve encorajar e apoiar o parceiro nas suas escolhas e atividades individuais, pode promover uma maior percepção de bem-estar e satisfação na relação
- 3.1.3. **Equilíbrio de Vários Fatores (2/3)**: alguns participantes referem não existe uma dimensão que assuma um papel de mais essencial que outro, mas sim uma harmonia entre vários fatores envolvidos na Intimidade na reparceria
- 3.2. **Ameaças à Satisfação Conjugal (9/31)**: aspetos que colocam em risco ou prejudicam o nível de satisfação percecionado num relacionamento. Isso engloba ações, comportamentos ou circunstâncias que têm o potencial de diminuir a qualidade, a felicidade e a satisfação geral que os participantes experienciam nas suas reparceria
 - 3.2.1. **Eventos Externas à Relação (5/10)**: o excesso de trabalho e de compromissos relacionados com o mesmo, situações externas desafiantes que podem acontecer ao longo da vida, uma má relação com as redes sociais do parceiro ou situações adversas que ocorrem com elementos do círculo social (i.e., amigos, família).
 - 3.2.2. **Barreiras na Comunicação (5/7)**: dificuldades e desafios na comunicação que potenciam uma comunicação inadequada ou problemática pode levar a uma série de problemas no relacionamento que contribuem para uma maior percepção de insatisfação e o distanciamento entre a díade
 - 3.2.3. **Sensação de Rotina (5/7)**: percepção de um espaço relacional onde não há evolução e há a sensação de que a relação está estagnada para além de uma percepção de que há ausência de novidade e criatividade
 - 3.2.4. **Egoísmo (4/4)**: percepção que não há uma procura por considerar as necessidades do parceiro e por sua vez há sensação de que não há espírito de equipa.
- 3.3. **Desafio versus Conforto (5/8)**: alguns participantes parecem considerar que a Satisfação envolve uma dinâmica interativa entre uma necessidade de enfrentar

desafios individuais ou de casal e superá-los com o apoio da díade, sendo que simultaneamente existe uma sensação de apoio, conforto e segurança com o outro., expressa principalmente em momentos de desafios.

- 3.4. **Circularidade com a Intimidade** (9/12): diz respeito à relação que a satisfação estabelece com a intimidade que pode ser descrita como uma dinâmica em que as interações ocorrem em formato de ciclo contínuo, sendo que as dimensões de um conceito são influenciadas pelas do outro, formando um ciclo de interação. Assim estes conceitos parecem-se na percepção dos participantes influenciar-se mutuamente e estar em constante interação, e em que uma não existe sem a outra